



4

PERFIL

**Rimon Guimarães**

Mariana Sanchez

64

ENSAIO

**Bolsonaro e  
as bibliotecas**

Cristian Brayner

26

ENSAIO

**Ser(tão)  
oprimido**

Adriana Negreiros

52

CONTO

**Pupilas  
douradas**

Nelson de Oliveira

72

ENSAIO

***Fahrenheit 451* não  
precisa de gasolina**

Jones Rossi

36

ENSAIO

**A minha própria bíblia**

Christian Schwartz

82

ENSAIO

**Do silêncio armado**

André de Leones

96

CRÔNICA

**Couve para  
Mark Sandman**

Paulo Krauss

136

FOTOGRAFIA

**Reingresso**

Isabella Lanave

102

REPORTAGEM

**À procura da  
batida milionária**

André Pugliesi

130

POESIA

**Sopa de Sócrates —  
Quadritas Pyrosóphicas**

Zuca Sardan

162

ENTREVISTA

**João Moreira Salles**

Luiz Rebinski

118

CONTO

**Princípios da  
expressão**

Luci Collin

168

HQ

**A fuga**

Aline Daka

PERFIL

# Estudos para um rosto simples

Mariana Sanchez  
Fotos Elisandro Dalcin

De Curitiba para as ruas do mundo:  
o minimalismo policromático  
de Rimon Guimarães







Uma casa abandonada no subúrbio de Turim. O muro de um barracão no litoral da Gâmbia. A fachada do Tic-Tac Art Center em Bruxelas. A empena de um prédio em Minsk, na Bielorrússia. Um portão de ferro na Rua São Francisco, no Centro de Curitiba. Sobre estas superfícies, tão díspares e distantes, correram os *sprays*, rolos e pincéis de Rimon Guimarães, um dos nomes mais festejados da *street art* mundial na atualidade.

Nascido em janeiro de 1988 no bairro do Portão, hoje ele passa mais tempo viajando do que em Curitiba, onde mantém seu pequeno apartamento-ateliê num prédio antigo do Batel. Mas o mapa da cidade natal cor-de-chuva segue tatuado na memória, com as cores da infância e adolescência, de quando a atravessava, de cabo a rabo, colando pôsteres lambe-lambe e grafitando seus muros. “Era uma forma de extrapolar os limites de casa, conhecer o bairro, descobrir o Centro e ir mapeando a cidade a pé ou de ônibus. Em 2002, a arte de rua era mais criminalizada e perigosa do que hoje, envolvia muita tensão e adrenalina, não se ganhava dinheiro algum — pelo contrário, só se gastava”, lembra Rimon, que cansou de ser abordado pela polícia e levado à delegacia. “Mas sempre dava um jeito de conversar e sair ‘de boa’, sem ficar preso”, conta.

Os primeiros experimentos em desenho resumiam-se a copiar traços do Homem-Aranha e do Goku, personagem do mangá *Dragon Ball*, que venerava. Os gibis eram comprados com a comissão dos penais e bolsas costurados pela mãe, que ele vendia de porta em porta com o irmão mais velho. “Meu pai estava desempregado e com a grana daquelas vendas minha mãe ia ao mercado e fazia nosso rango. Hoje eu transformo tinta e *spray* em obras de arte, e com elas posso pagar meu aluguel. Mas essa noção de ganhar dinheiro com algo feito criativamente eu aprendi com a minha mãe”, diz.

Aos 11 anos, Rimon já frequentava rodas grafiteiras, mas era tímido, o nariz enfiado no caderno, sempre desenhando. “A galera dividia

em quatro uma folha sulfite, cada um desenhava numa parte, depois se xerocava, recortava e saía para colar perto da escola. Um dia sobrou um quadrante e lembraram que eu desenhava uns personagens, foi assim que tudo começou”, recorda. Naquela época, Rimon já não desenhava mais Goku e Homem-Aranha. No grafite, originalidade é exigência, “Quem copia não se cria”, verseja, e aos poucos as formas do mangá foram evoluindo até chegar à figura humana estilizada que hoje define seu trabalho — a princípio forjada na relação com seu próprio corpo negro, masculino, magro, alongado; hoje mais feminino, embora um tanto andrógino, quase indistinto. Mais do que evolução, trata-se de um sofisticado processo de involução, retrocedência: ao folhear os cadernos de Rimon acumulados ao longo dos anos, nota-se a busca constante pela simplificação da face, a redução de elementos. O descomplicar para sofisticar, como predicava o velho aforismo de Leonardo da Vinci.

“Fui explorando intuitivamente as formas do rosto humano a partir de diferentes ângulos, até desenvolver meu estilo próprio. No estudo de História da Arte, vi que essa simplificação já estava presente nas culturas indígena, egípcia, chinesa, celta, africana. Nas artes essenciais e primitivas. Não é uma coisa superminha, não me acho um cara originalzão”, defende-se, modesto. Mais do que reconhecer a influência da arte europeia (especificamente a tríade Klee, Picasso e Miró), prefere recorrer à suas fontes originais, às pinturas orientais e máscaras africanas, aos antigos desenhos botânicos.

O trabalho de Rimon nasce de um curioso paradoxo visual: embora trabalhe sobre a base dura, fria e reta do concreto urbano, suas formas são naturais, orgânicas, sinuosas. A mestiçagem inventiva e harmoniosa de sua paleta cromática à base de *spray* e tinta acrílica é outra de suas marcas, mas a construção dessa linguagem se deu aos poucos, à medida que foi conquistando clientes e maiores orçamentos. “No início,



RUA  
BRIGADEIRO FRANCO



meus desenhos eram em preto e branco, só depois foi entrando o vermelho, o azul. Agora posso comprar tintas de todas as cores, não preciso me limitar”, festeja, definindo o paredão que pintou para a rede de restaurantes Madero, em Itajaí, como “120 metros quadrados de multicromia intuitiva”.

### ***DRAGON BALL***

Autodidata, considera a rua e os quadrinhos suas primeiras escolas. Dos tempos no colégio Bagozzi, conserva o gosto pelas aulas de artes e lembra das notas baixas em quase todo o resto. Na sexta série conheceu Luan Banzai, de quem até hoje é parceiro. “Eu era *nerd*, baixinho e de cabelo comprido. Ele era alto, parecia um maloqueiro, sentava no fundão. Nossa amizade se construiu a partir desses contrastes e porque éramos fãs de *Dragon Ball*. Adorávamos esse lance de guerreiro ninja que voa e solta poderes com as mãos”, lembra o *videomaker* e sócio do estúdio Banzai.

“CDF” em Matemática, Luan passava cola e fazia as tarefas de Rimon, até que um dia sentaram juntos para estudar a disciplina. “Peguei o caderno dele e ali estavam os exercícios, só que de repente as contas eram tomadas por desenhos e os personagens devoravam os números, o problema virava outra coisa. Então eu disse: ‘Mano, teu negócio é mesmo desenhar, esquece a Matemática, deixa que eu resolvo essa parada’.”

No Colégio Estadual do Paraná, quando não estava na quadra jogando basquete, Rimon se enfurnava na sala de educação artística, onde teve contato com técnicas como gravura, pintura e escultura. Lá, participou de seu primeiro salão de arte. Eram tempos em que a internet começava a chegar às casas da classe média brasileira, e numa daquelas madrugadas silenciosas de conexão discada, Rimon soube de um salão em Maringá. Mandou um tríptico em tela, foi selecionado e, em pouco

tempo, viu a carreira artística deslanchar profissionalmente. Tinha apenas 16 anos, mas já estava conectado à cena global da *street art* através de seu *fotolog* — hoje, sua conta no *Instagram* tem quase 40 mil seguidores —, e logo começaria os estudos de pintura na faculdade de Belas Artes.

Rimon trabalhava, expunha, participava ativamente de um circuito artístico em expansão, e os exercícios acadêmicos de pintura lhe pareciam uma perda de tempo. Crítico à escola eurocêntrica que pautava o curso, um ano depois decidiu prestar novo vestibular, agora para gravura, experiência que durou apenas mais um ano. Convidado a expor no Santander Cultural, em Porto Alegre, perdeu duas semanas de aula e não teve as faltas abonadas pelos professores. Foi a deixa para abandonar de vez a faculdade. “Mas absorvi as técnicas de pintura e gravura, as noções de perspectiva, sombra e volume que aprendi nas aulas de desenho de observação”, reconhece.

Passou então a frequentar os ateliês de gravura do Solar do Barão, onde fez seus primeiros experimentos em serigrafia — ia até o Boqueirão comprar camisetas lisas para estampar (“Sempre na base do faça você mesmo que tive em casa”, conta). Também adquiriu bons livros e aprofundou sua formação autodidata, aprendendo sozinho a situar sua produção dentro das teorias da arte contemporânea.

Mas não totalmente sozinho: o trabalho coletivo sempre marcou a trajetória de Rimon. No colégio estadual Pedro Macedo, integrava o bando dos Periculosos Crew, com quem produzia e colava “lambes” pela cidade. Depois juntou-se ao coletivo Interlux Arte Livre, em que artistas visuais, *videomakers*, filósofos e criadores das mais diversas disciplinas desenvolviam performances e intervenções artísticas em Curitiba. Paralelamente, associou-se à Banzai, estúdio independente de *design* e vídeo onde fazia trabalhos de ilustração e videoanimação para a publicidade ao lado de Fernando Nogari, Thales Banzai e do amigo de infância Luan.





Um trabalho nas páginas impressas da revista da MTV abriu portas para o estúdio produzir vinhetas e filmes promocionais para o canal, levando Rimon a pintar a fachada de seu prédio em São Paulo e projetar ainda mais a Banzai — que chegou a criar para Nike, Google, Itaú e Macy's, a maior loja de departamentos dos EUA. “Sempre senti a necessidade de trabalhar em grupo, tentando tirar essa mística do ego, do artista intocável, individualista. Gosto de ver como outras cabeças trabalham e assim entender melhor quem sou a partir desse encontro”, diz.

Desde 2013, Rimon assina trabalhos em dupla com o artista visual Zéh Palito, que conheceu por acaso no Rio de Janeiro: são os Cosmic Boys. Juntos, eles vêm realizando macromurais com um potente viés social. Em 2017, durante um *tour* pelo Oriente Médio, pintaram o maior painel urbano da Síria, com 270 metros quadrados, em Damasco. As passagens foram compradas via *crowdfunding* e a ação foi planejada com um artista sírio refugiado no Líbano que conheceram em um festival de arte em Dubai.

Os Cosmic Boys tiveram acesso a um campo de refugiados no vale do Bekaa, na fronteira sírio-libanesa, e, sabendo menos que o básico da língua árabe, ministraram oficinas práticas de grafite para crianças da região. Rimon garante que aprenderam mais do que ensinaram. Eles não esquecem o menino Azus, de 6 anos: “Quando chegamos, ele começou a atirar pedras em nós, depois vivia grudado no nosso pescoço. Impossível medir o impacto que ações como esta podem ter na vida de crianças de um país em guerra”, reflete.

Outra ação recente aconteceu na comunidade Alto Vera Cruz, na periferia de Belo Horizonte. A convite do coletivo CURA (Circuito Urbano de Arte), que vem transformando a paisagem de lugares socialmente vulneráveis, os Cosmic Boys criaram um macromural que envolveu a pintura de 40 casas durante 20 dias de trabalho. As dificuldades eram muitas. “A favela é um ser vivo e sua estrutura é bem orgânica. O chão não era re-



to, foi preciso montar andaimes em becos minúsculos, se esgueirar por vielas. Não tínhamos autorização de todos os moradores, sempre tinha alguém que não gostava de amarelo, vimos uma casa nova surgir ali enquanto pintávamos”, recorda Rimon.

Para complicar, algumas casas ficavam separadas, dificultando o efeito desejado de obra única. Mesmo com estudos prévios e mapas fornecidos pela produção com a metragem dos espaços, estar aberto ao improviso foi fundamental. Além da dupla, a ação envolveu os próprios moradores da comunidade, criando elos que, segundo Rimon, fizeram tudo valer a pena.

Quando trabalha com Zéh Palito, defende a importância do esboço como diálogo. Mas, se grafita sozinho, Rimon prefere desenhar direto na parede. “Primeiro fico um tempo olhando o muro, tentando ouvir o que ele me diz, então começo a visualizar uma ideia e colocar a mão na massa. No início eu desenhava em cadernos e pretendia transferir igualzinho para o muro. Depois percebi que o desenho no caderno já era uma obra em si, não precisava repeti-la em outra escala. Muro é muro, papel é papel”, filosofa.

Nos últimos anos, trabalhando para grandes clientes, Rimon conquistou a liberdade de autofinanciar seus trabalhos sociais, na rua. “Cobro bem por alguns para fazer outros de graça, para quem eu acho que merece”, diz, numa lógica *robinhoodiana*. Para ele, reivindicar o espaço público e aproximar a arte de quem não pode ter acesso a ela é uma atitude fundamentalmente política. “Tirar as pessoas de sua rotina visual, nem que seja por 30 segundos, é algo revolucionário”, opina.

Mas o grafite também envolve ética e responsabilidade, porque “Se por um lado o artista quer ter a liberdade de pintar o que quiser, tem que lembrar que o espaço é de todos”. O grafiteiro, então, passa necessariamente por um processo de seleção natural nas ruas: se a arte não agradar, estará sujeita ao picho, ao vandalismo e até à interferência de cole-

gas, que podem cobri-la com outro desenho. “Uma criança pode passar e colar um chiclete em cima. Requer desapego. É diferente de um espaço controlado como um museu. Na rua, sua melhor obra pode terminar em dois dias”, constata.

### **AFROTROPICALISMO POLÍTICO**

Raspar a cabeça na infância e adolescência era um jeito de se proteger do racismo que diz ter sofrido em Curitiba. Mas o gesto recente de assumir a cabeleira negra trouxe empoderamento e novos rumos para sua produção, cujo divisor de águas foi a residência artística no Gâmbia, país que visitou duas vezes. A convite do projeto Wide Open Walls, Rimón se instalou num hotel flutuante na floresta Makasutu e de manhã cedo saía de barco para pintar em vilarejos nos arredores da capital Banjul.

Luan Banzai registrou a experiência em vídeo e conta que havia um rígido cronograma a ser seguido, mas Rimón não parecia preocupado. “Ele sabia que, para manter o espírito livre do grafite, devia infringir certas regras, dar espaço para as coisas acontecerem espontaneamente. Mesmo com tinta e horário limitados, parava para ouvir histórias, tomar chá na casa de alguém, pintar uma parede a mais”, lembra. Assim, Rimón descobriu que uma casa que iria grafitar era habitada por três gerações de mulheres, história que serviu de inspiração para o retrato feminino com o qual estampou sua fachada. “A riqueza do trabalho de Rimón vem também deste carisma. Não é apenas fruto de um plano executado, mas de um processo que valoriza as relações de afeto”, define o amigo.

Expressar seu africanismo latente e fazer frente ao racismo foram algumas das heranças da temporada em Gâmbia, de onde despachou o *kora* — harpa-alaúde africana de 21 cordas — que hoje repousa na sala de seu apartamento em Curitiba. Nesta mesma viagem, Rimón participou ainda de outra residência artística em Caldas da Rainha, a 100 qui-





lômetros de Lisboa. “Essa triangulação Brasil-Portugal-África fez com que caíssem várias fichas do que é ser um artista brasileiro a partir destes contrastes e movimentos”, afirma.

### **TRÂNSITO LIVRE**

Desde 2005, quando fez sua primeira viagem internacional, para Buenos Aires, Rimon já visitou 27 países. Na bagagem despachada não faltam garrafas de tinta à base d’água e seu *kit* de pincéis e rolinho — menos *spray*, que é inflamável. Sente-se mais reconhecido em Curitiba depois de ter cruzado a fronteira do Rio Atuba, mas ainda acha impossível depender apenas do circuito local, que considera fechado e limitado. “Quando não tenho trabalho aqui, viajo, depois volto. Tenho a sorte de fazer um tipo de arte que dialoga com algo global.”

Cruzar fronteiras é movimento conhecido de Rimon. Além de transitar por novos territórios, não tem medo de explorar também outras expressões artísticas. Seu canal no *SoundCloud* traz alguns de seus experimentos sonoros. E se em 2011 ele ilustrava a capa de *Tropical Splash*, disco de estreia da banda Copacabana Club, em 2016 foi sua vez de debutar na música com o EP *Caburé*, lançado em parceria com o duo Nomad Magush. As três faixas têm composição e voz de Rimon, que ainda estrela o videoclipe de “Vendaval ou Arecales”, filmado entre dunas e coqueiros numa praia cearense. É música negra rica em poesia e sonoridades, do *rap* ao *afrobeat* tropical. “Vesti a melhor beca pra atravessar o rio”, canta o artista visual em cujas pinturas abundam os elementos da natureza.

Quando está em ação, pincel em riste, quase sempre há um som instrumental de fundo, espalhado na rua por alto-falantes. E assim vai desenhando pássaros quase humanos, cachos de banana cor de rosa, folhas de costela de adão em cores lisérgico-tupiniquins. “As pessoas rotulam muito. Por que um artista visual não pode fazer música? Sempre gostei

de escrever, de cantar e mexer o corpo, as artes estão dentro uma da outra. Desmistificação é o lance, usar a tinta como se estivesse fazendo um som, usar o som como se estivesse pintando”, exemplifica. Com o coletivo Interlux, Rimon sente que havia um trânsito artístico mais livre e acredita que se pode chegar a resultados verdadeiramente originais a partir de misturas inusitadas, mas lamenta que a cena local seja tão segmentada e restrita. Enquanto isso, segue atravessando muitos e muitos rios.

No final de outubro de 2018, ganhou passagens de uma companhia aérea, com direito a acompanhante, para a República Dominicana. Levou a mãe. Aos 65 anos, seria a primeira vez que Carmelita dos Santos Guimarães sairia do Brasil, e também a primeira que pintaria com o filho. “Fizemos duas pinturas na praia Los Corales, em Punta Cana. Ele fez todo o desenho e eu ia preenchendo com as cores. Nos divertimos muito, Rimon é um grande companheiro”, orgulha-se. Os vídeos postados no *Instagram* mostram bem essa sinergia: mãe e filho no pôr do sol, os pés enfiados em águas caribenhas, o rosto de uma mulher surgindo numa parede metade verde, metade rosa.

De família religiosa — Rimon é um nome bíblico retirado do Antigo Testamento e do nome do meio de seu pai —, sempre foi guri de fé. Carmelita lembra quando o filho tinha 10 anos e queria muito um canarinho. “Eu dizia para ele orar a Deus, que na hora certa ele teria. Um dia chegou em casa com uma gaiola, dizendo: ‘É pro meu canarinho’. Pouco depois, com um pacote de ração: ‘É pro meu canarinho’. Por fim, numa tarde, Rimon estava sentado no pátio do condomínio onde morávamos quando um canarinho passou voando e pousou na sacada de um apartamento. A hora certa tinha chegado.”

**Mariana Sanchez** é jornalista e tradutora. Colaborou com veículos como *Piauí*, *Suplemento Pernambuco*, *Gazeta do Povo* e *Cândido*.





ENSAIO

# Ser(tão) oprimido

**Adriana Negreiros**  
Ilustrações **Tereza Yamashita**

Os perigos da construção romanceada em  
torno das figuras de Maria Bonita e Lampião



Vovó Alcinda não sabia fazer comida de panela, dizia mamãe. Por isso, melhor que passássemos as férias na casa de Vovó Delvita, mãe de papai, que além de costurar, embora sem brilho, servia almoços de verdade — suculentas galinhas cozidas à cabidela, bem mais fortes do que as bolachas com doce de goiaba de que Vovó Alcinda se servia ali pelas doze horas, quando as incandescências do sol de Mossoró, lançadas do topo do céu, anunciavam que era chegada a hora da principal refeição do dia.

Vovó Alcinda sabia mesmo era contar histórias. A minha preferida remontava a 1927, quando ela tinha 14 anos de idade e vivia como criada na fazenda de um certo Dr. Duarte, sujeito importante daquela próspera cidade do Rio Grande do Norte, localizada quase na divisa com o Ceará. Na ocasião, o fazendeiro foi um dos bravos mossoroenses a deixar o conforto de seu alpendre para guerrear contra Virgulino Ferreira da Silva, o terrível Lampião. Vovó Alcinda narrava, com orgulho, o fantástico episódio em que, ao tentar invadir Mossoró, o bando de cangaceiros viu-se recepcionado por uma chuva de balas. Do topo das casas mais altas, homens como o tal Dr. Duarte dispararam contra os bandoleiros — e Lampião, o cabra mais temido dos sertões, deu meia volta e mandou-se dali pra nunca mais voltar. Se rabo tivesse, fosse realmente o Capeta que muitos imaginavam, teria o colocado por entre as pernas.

Anos depois, quando, na velhice, já doente, viu-se obrigada a morar na casa de meus pais em Fortaleza, Vovó Alcinda continuaria a repetir a história do Rei do Cangaco, personagem por quem tinha o usual sentimento nordestino de pavor e admiração. Bastava uma visita qualquer lhe perguntar de onde ela era e respondia, com o dedo em riste: “De Mossoró, que expulsou Lampião”. Não se tratava de uma vitória ordinária, contra um bandido qualquer, mas de botar pra correr um cabra da estirpe de Virgulino. E se o interlocutor não parecesse suficientemente espantado com a proeza da cidade, tentava impressionar por outras vias: “E daquele rapaz gordo que aparece na TV”. Perto de morrer, caduca, garantia que o apresentador Fausto Silva, que via de relance no aparelho da

sala de estar — evangélica, proibia-se o desfrute do pecado dos programas de auditório —, era nascido e criado em Mossoró.

Minha avó materna nunca falava em Maria Bonita, e por razões que eu viria a descobrir óbvias. Quando tentou invadir sua cidade, o bando de Lampião era formado apenas por machos. As moças só passariam a integrar o grupo a partir de 1930, quando Maria Gomes de Oliveira, a Maria de Déa (o famoso apelido é póstumo), largou a vida besta no sertão da Bahia para aventurar-se ao lado do fora da lei mais procurado do Brasil. Depois da Maria de Lampião, outras Marias, além de Anas, Rosas e Joanas tiveram o mesmo destino. Algumas por vontade, como a escolhida de Virgulino, inúmeras por má sorte: muitas cangaceiras, incluindo as famosas Dadá e Sila, entraram no bando à força, raptadas e estupra- das ainda na infância. Sila tinha apenas 11 anos quando “conheceu o sexo”, como definiria a violência da qual foi vítima, pelo corpo do cangaceiro Zé Sereno.

\* \* \*

Em 2015, a crise financeira e de qualidade que abateria o jornalismo tinha me expulsado das redações havia dois anos. Durante 13, trabalhei como repór- ter e editora de três revistas da Abril. Depois de *Veja* e *Playboy*, encerrei as ativi- dades na *Claudia*, publicação feminina em que não se podia sugerir livros muito complexos para as “leitorinhas” — como editora de cultura, eu precisava reco- mendar às assinantes e compradoras eventuais da publicação obras pseudosen- suais, a exemplo dos incontáveis tons de cinza, ou lançamentos na área de au- toajuda amorosa, preferencialmente, e corporativa, de quando em vez. Depois de um ano, exausta, fui-me embora dali quase como Maria Bonita deixando o marido sapateiro para seguir com Lampião. Eu carecia de alguma aventura — ou “novos desafios”, como costumamos dizer nos departamentos de recursos humanos quando pedimos as contas.

Nos dois anos que separaram minha saída das redações até a assinatura do contrato com a Editora Objetiva para escrever *Maria Bonita*, passei longas ho-

ras olhando para o teto e pensando no que fazer da vida. Escrever um livro parecia-me uma saída natural — boa parte dos jornalistas, e estou incluída nesse grupo, escolheu a profissão por gostar de escrever. Mas nenhum tema parecia-me bom o suficiente para atrair a atenção do leitor. Pensei em escrever sobre o cangaço, mas quem ia querer saber de uma história passada entre os anos 1920 e 30, no interior do Nordeste? Em toda a minha vida profissional nas redações de São Paulo, obcecada por estes assuntos do “norte” do país “que não interessam a ninguém”, ouvi inúmeras recomendações para direcionar meu olhar para o Sudeste (além de evitar a interjeição nordestina “égua!” e substituí-la pelo equivalente “nossa!” durante as reuniões de pauta). Certa vez, quando propus a um editor uma matéria sobre os penitentes do Cariri, no Ceará, recebi como resposta a sugestão de inspirar-me em uma reportagem sobre a moda das meninas de Florianópolis de descolorir as sobrancelhas.

O Nordeste, sobretudo o sertão, costumava interessar à maioria dos meus editores somente quando pintado nas tintas do exotismo — ou da caricatura. Houve o caso de uma repórter que precisou providenciar um jumento para ficar estacionado diante de uma loja do Boticário em uma cidade do interior do Ceará. Embora os clientes chegassem ali de ônibus, carro ou a pé, a foto precisava mostrar que o capitalismo ultramoderno, com suas franquias em cores neon, chegava aos rincões do Brasil mais arcaico, de tons terrosos.

Portanto, quando, depois de noites insones, consegui formatar o projeto do meu então futuro livro — a biografia da cangaceira Maria Bonita —, precisei lidar com questões que sempre me assombraram e, eu viria a perceber, operam como causa e consequência. A lógica do esquecimento e ridicularização do sertão, traduzida em grotesca caricatura, é a mesma que transforma cangaceiros em camponeses revolucionários. A dialética da subestimação da inteligência e do silenciamento das narrativas das mulheres, que as faz passar de vítimas a culpadas, é análoga a que nos faz crer, 80 anos depois, que Maria Bonita foi uma liderança feminista. Ambas as versões são muito mais palatáveis e atraentes para

a indústria do entretenimento — assim como um jumento em frente ao Boticário chama mais a atenção do que um fiatzinho de duas portas. Esquecimento, ridicularização, subestimação e silenciamento são armas a favor da ignorância e, desse modo, da opressão contra grupos vulneráveis.

Tais práticas dizem respeito, também, ao que o geógrafo francês Élisée Reclus chama a atenção em seus estudos sobre o questionável conceito de “progresso”, algo que a porção sudestina do Brasil, de modo geral, julga possuir em quantidade superior ao Nordeste. Em seu necessário livro *O homem e a terra: progresso*, Reclus nos ensina que a impressão de progresso é uma mera ilusão com valor pessoal. “Os missionários que encontram selvagens extraordinários, movendo-se livremente em sua nudez, creem fazê-los ‘progredir’ dando-lhes vestidos e blusas, sandálias e chapéus, catecismos e bíblias, ensinando-os a recitar os salmos em inglês ou latim.”

\* \* \*

Vovó Alcinda nunca me contou como conheceu Vovô Enéas. Dois dias depois de os jornais de todo o Brasil — e até do exterior, como o *Paris Soir* e o *New York Times* — noticiarem o assassinato de Lampião e Maria Bonita na Grota de Angico, em Sergipe, Vovó Alcinda deu à luz minha mãe, em 30 de julho de 1938. Seria sua única filha. Logo após o parto, envergonhada e humilhada — era solteira —, entregou-se a Jesus. Passou o resto da vida empenhada em ganhar alguns trocados vendendo roupas para a vizinhança, que adquiria após viagens de carona em boleias de caminhão para as cidades próximas, e frequentar os cultos da Assembleia de Deus. Comia doce e bolachas entre um compromisso e outro. De noite, penteava os longos cabelos, que chegavam à cintura, para na sequência arrumá-los em uma trança. Ajoelhada diante da cama, lia o Salmo 91, cujo verso mais bonito dizia: “Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido”. Na noite de 8 de junho de 1996, aos 83 anos, dormiu após seguir a rotina de sempre, e nunca mais acordou.

Durante muito tempo, tentei reconstituir a trajetória de minha avó. Nas histórias que me contava, vim a me dar conta quando já era tarde, ela nunca era a protagonista. Soube depois de sua morte que jamais conheceu a mãe, morta no parto, e perdeu pai e irmãos cedo demais para que pudesse guardar deles qualquer recordação. O máximo que descobri foi que, antes de engravidar, embora lesse e escrevesse com dificuldades, trabalhou como assistente de enfermagem em um hospital de Mossoró — suponho eu, por intermédio do tal Dr. Duarte.

Sobre Vovô Enéas, sei de muitas coisas, embora o tenha visto, talvez, umas cinco vezes em toda vida. Que foi empresário de sucesso, frequentou salões em Brasília e casou-se com uma parente (este era um hábito comum entre os Negreiros do Rio Grande do Norte), com quem teve uns dez filhos. Quando morreu, em dezembro de 2005, li no obituário do jornal que tinha por hábito escrever poesias. São de sua lavra os seguintes versos, elaborados em homenagem à esposa e reproduzidos no matutino: “Ausente a dona da casa / É enorme a confusão / Não se limpa, não se varre / E abandonam o fogão / Todos desorientados / Andam para a frente e para trás / Veja o pobre ‘coitado’ / A falta que a mulher faz”.

\* \* \*

Por muitos motivos, e não apenas pelas histórias que ela me contava sobre Lampião, a pesquisa em torno da vida de Maria Bonita reconectou-me com minha falecida avó. Por ter sido mãe solteira, ela foi tida, por muitos de seus contemporâneos, como mulher sem vergonha. Por terem entrado para o cangaço, várias mulheres passaram a ser vistas como safadas. E eram meninas, às voltas com suas bonecas, que foram arrancadas a pulso dos braços de seus pais, colocadas em lombos de burros e carregadas, só com a roupa do corpo, caatinga adentro, sendo estupradas em meio aos espinhos de mandacaru. E, na sequência, submetidas a uma existência dominada pela fome, sede e algo tão imensamente doloroso que me parece insuportável: a experiência de entregar os filhos recém-nascidos para estranhos, pois a



presença de bebês era proibida dentro do grupo. O choro dos pequenos poderia chamar a atenção da polícia.

Submetidas a uma existência miserável, perigando morrer a qualquer momento pelas mãos dos cangaceiros ou das forças repressoras, essas mulheres tiveram suas trajetórias obscurecidas. No processo de pesquisa sobre Maria Bonita e as demais cangaceiras, enfrentei não apenas a escassez de informações — ao passo que, sobre Lampião, Corisco e os demais personagens masculinos do cangaço há uma miríade de dados —, como precisei lidar ainda com algo mais assustador: o descrédito com que as narrativas das bandoleiras sempre foram acompanhadas. Dadá, estuprada por Corisco aos 12 anos, passou boa parte da vida sendo chamada de dramática, mentirosa e exagerada.

Não à toa, muitas mulheres vítimas de violência — física ou simbólica — optam, ainda hoje, pelo silêncio. As marcas de séculos de opressão e descrédito não desaparecem, assim, da noite para o dia. Recentemente, enquanto assistia à série *The affair*, uma das minhas favoritas, lembrei das mulheres violentadas do sertão no momento em que a personagem Athena (interpretada pela atriz Deirdre O’Connel), conta para a filha, Alison (papel de Ruth Wilson), que sua gravidez foi fruto de um estupro. “E por que você não foi à polícia?”, quis saber a filha. “Porque ninguém acreditaria em mim. E seu pai era um homem importante”, responde a mãe. Se há algo que pode unir uma mulher americana de hoje em dia a uma brasileira do sertão dos anos 1930, é a angustiante constatação de que sua versão, quando confrontada à de um homem poderoso, terá grandes chances de ser desqualificada.

Para muitos, Dadá morreu como um exotismo, uma mulher valentona, meio dada a uma bravata. Já a figura de Corisco, seu estuprador, é frequentemente retomada como símbolo de resistência. “Se entrega, Corisco”, escrevem nos memes que circulam nas redes sociais, em referência ao — lindíssimo, sem dúvidas — trecho final do filme de Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol*. Corisco, o Diabo Louro, é para muitos, até hoje, símbolo de coragem, enfrenta-

mento contra os poderosos e disposição para a luta. E Dadá, que deu à luz sete filhos (que não pôde criar) em meio à caatinga? Ah, Dadá foi aquela cangaçeira sem uma perna que costurava pra fora em Salvador, resumem muitos. “Uma louca, vivia gritando”, dizem outros.

\* \* \*

Concordo com o escritor norte-americano Gay Talese quando diz que “o realismo é fantástico”. O cinema e a televisão, contudo, nem sempre apostam nisso. Para a indústria, frequentemente, a caricatura é mais atraente do ponto de vista dramático. Retratar Maria Bonita como uma Joana D’Arc da caatinga talvez dê menos trabalho do que apresentá-la como a dona de casa que foi. Uma mulher, quando muito, empoderada e transgressora, por fugir de um casamento que a fazia infeliz para acompanhar o homem amado — mas longe de ter uma consciência de gênero, algo impensável para uma mulher dos repressores e machistas anos 1930 do sertão do Nordeste.

O mesmo ambiente que apagou a história de minha avó e levou a de meu avô às páginas dos jornais.

Entregar-se à narrativa mitificada, fácil e caricata pode ser atraente, mas é irresponsável. A construção romanceada, com mocinhos e bandidos, esconde as estruturas da opressão que provocam danos irreversíveis na história dos lugares, das mulheres, dos indivíduos. Seja do ponto de vista universal, seja do ponto de vista mais íntimo, a opressão causa feridas profundas em todos nós.

Compreender os contextos é uma forma de tentar, ao menos, percorrer essas cavernas da alma com uma lanterna na mão, em vez de tatear na escuridão.

**Adriana Negreiros** é jornalista. Trabalhou no jornal *Diário do Nordeste* e nas revistas *Veja*, *Claudia* e *Playboy*. Escreveu o livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*.

ENSAIO

# A minha própria bíblia

**Christian Schwartz**  
Ilustrações **Benett**

Do *I-Ching* a Millôr Fernandes, de Michel de Montaigne a Nelson Rodrigues, uma investigação pessoal sobre um gênero que atravessa os séculos: o aforismo



Eu poderia dizer, porque há duas décadas e meia ganho meu sustento com ela, que sempre soube o valor da palavra. Se tivesse, porém, de contar minha história de leitor, começaria por uma frase — não por uma, específica e literalmente, mas pelo potencial de significado que uma frase pode conter; pelo tamanho simbólico de certas frases, em particular. Eu poderia dizer que desde cedo entendi — parafraseando o título da breve história do aforismo que nos conduzirá neste ensaio, tão habilmente contada pelo jornalista e escritor americano James Geary — que numa frase pode caber o mundo inteiro.

Estas breves memórias de leitor remontam a um tempo em que, como toda criança, eu era ainda um leitor de textos breves: aquelas primeiras frases que se consegue ler — sejam elas “sagradas”, como versículos da Bíblia decorados nas aulas de catequese ou frases / provérbios / adágios edificantes e “sábios”; sejam “profanas”, ditos espirituosos / chistes / tiradas, a *punchline* de uma piada marota, quem sabe? Até que (talvez antes passando pela poesia, uns versos soltos que ficam na memória) se chegue aos aforismos, cuja própria história, como gênero, se confunde — veremos — com essa espécie de passagem do sagrado ao profano, ou ao mundano, que percorri da infância à juventude, e da qual ficaram frases soltas, aqui lembradas de cabeça, tantos anos depois:

*Não vos preocupeis pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo; basta a cada dia o seu mal.*

*Mas você não morre / você é duro, José!*

*Descarga em banheiro público, só com o cotovelo.*

*É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / porque na verdade não há. Lá em casa tem um poço / mas a água é muita limpa.*

*Se Deus me der saúde, hei de provar que Ele não existe.*



### **Ambrose Bierce**

*História, s.f.* Um relato, quase todo falso, de eventos, quase todos sem importância, provocados por governantes, quase todos uns velhacos, e soldados, quase todos uns patetas.

*Revolução, s.f.* Em política, uma mudança abrupta na forma de desgoverno.

*Santo, s.m.* Segunda edição revista de um pavoroso pecador.

### **Oscar Wilde**

“Toda pessoa que diz sempre a verdade acaba sendo apanhada em flagrante.”

“Uma verdade deixa de ser verdade quando mais de uma pessoa acredita nela.”

“Todos estamos na lama, mas alguns sabem ver as estrelas.”



### **Karl Kraus**

“Se acha que pode tornar as pessoas piores do que já são, o diabo é um otimista.”

“O segredo do demagogo é se fazer passar por tão estúpido quanto sua plateia, para que esta imagine ser tão esperta quanto ele.”

Como se vê, o que me conformava, leitor em formação, era uma pequena miscelânea daquilo que um de meus hoje aforistas prediletos, o jornalista e ensaísta Karl Kraus, de extração germânica (nascido na Boêmia, atual República Tcheca, mas atuante na Viena do entreguerras), definiu assim: “O aforismo jamais coincide com a verdade; ou é uma meia verdade ou uma verdade e meia”.

Para Mark Twain, por sua vez, o que caracteriza essas breves e memoráveis assertivas é a fórmula aparentemente simples de “um mínimo de som para um máximo de sentido”. (Twain é o autor de uma dessas que, embora lamentavelmente não tenha sido uma descoberta de infância, inspiraram em mim a saudável rebeldia própria da forma aforística: “Nunca deixei que a escola interferisse na minha educação”, vaticinou certa vez o escritor americano.)

Em seu *O mundo em uma frase: uma breve história do aforismo*, James Geary enumera algumas características do gênero: aforismos são “frases curtas e insólitas”; “vigorosas, imponentes, inspiradas e ligeiramente oraculares”; engraçadas, também, embora seus temas frequentemente envolvam “algum tipo de tragédia pessoal”; muitas vezes fazem uso de jogos de palavras, paradoxos e torneios inteligentes, acrescenta o autor. O toque mordaz foi o que, particularmente, sempre me atraiu, em especial quando o aforista se autocongratula por sua excelência no gênero: “Há escritores que já conseguem dizer em 20 páginas aquilo para o que às vezes preciso de até duas linhas”, escreveu Karl Kraus.

“Me espantava como uma declaração tão concisa podia conter tanto sentido. Ler uma citação realmente boa de ‘Entre aspas’ era como olhar em um caleidoscópio”, conta Geary sobre suas incursões à seção de frases da revista *Seleções (Reader's Digest)* que os pais assinavam.

Ele então passou a colecionar frases no verso de um pôster de George Harrison — “aquele de *All things must pass*, em que [Harrison] está com um grande chapéu de aba mole e parece muito hirsuto” — e, quando ali não cabiam mais suas anotações, saíram da parede os de David Bowie e Pink Floyd. Se ousasse ter feito o mesmo com o meu dos Beatles encartado com o vinil do *Álbum branco* — até



### **H.L. Mencken**

“O homem é o único animal que se devota diariamente a tornar os outros infelizes. É uma arte como outra qualquer. Seus virtuosos são chamados de altruístas.”

“O cristão vive jurando que nunca fará aquilo de novo. O homem civilizado apenas resolve que será mais cuidadoso da próxima vez.”

“A Igreja é um lugar onde senhores que nunca estiveram no Céu dizem maravilhas a respeito dele para pessoas que nunca irão para lá.”

“O culto dominical é uma prisão na qual as crianças cumprem pena pela consciência culpada de seus pais.”

“Pode ser um pecado pensar mal dos outros. Mas raramente será um engano.”

“Imoralidade é a moralidade daqueles que estão se divertindo mais do que nós.”



hoje uma de minhas relíquias de juventude mais preciosas, intacta na capa do disco tão amado desde os 13 anos —, quem sabe eu tivesse mais do que algumas frases de memória para recitar.

Mas, na modesta seleção das primeiras letras cuja intimidade há pouco revelei, fica evidente o arco percorrido: da meia verdade à verdade e meia de Kraus, o percurso talvez não tenha sido cronológico. Tampouco as frases que me formaram leitor se qualificam todas em igual medida como aforismos: de fato, tecnicamente falando, só é aforística a última — uma tirada de Millôr Fernandes cuja fonte exata se perdeu, certo dia recitada em voz alta e tom divertido por um amigo de faculdade, o que me espantou e indignou, pois àquela altura eu era ainda uma alma pia e fervorosamente devotada aos versos místicos de Renato Russo, facilmente reconhecíveis no meu pequeno museu de frases.

O que a mim mesmo surpreende é a gravidade do versículo bíblico que figura como a citação mais antiga da lista, um vaticínio extraído do evangelho de Mateus, se a memória não me trai: por que estranhos caminhos vinha provocar, no menino catequizado e crismado que fui, uns arrepios de temor e respeito a desígnios maiores, forças espirituais contra as quais não adiantaria lutar? Ao mesmo tempo, é dessa época a descoberta do verso de Drummond: “você não morre, você é duro” — uma afirmação de resistência pessoal que anos mais tarde ganharia contornos definitivos com dois outros célebres versos drummondianos, aqueles que falam em lutar com palavras mal rompe a manhã. Mas não com as palavras utilitárias, e francamente insossas, de certo “manual de instruções para a vida” que, circulando na casa da infância, versava sobre banheiros públicos.

Ironicamente, na mesma casa um dia apareceu, talvez por descuido paterno, a coletânea *O melhor do mau humor*, organizada e traduzida por Ruy Castro — tenho o exemplar até hoje, ao passo que o livrinho de dicas práticas para uma existência sem percalços nem micróbios foi deixado de lado quando resolvi que, como no adágio popular (um dos únicos que conheço com algum valor de sa-



**George Bernard Shaw**

“A virtude não passa de tentação insuficiente.”



**Ralph Waldo Emerson**

“Uma seita ou partido político é apenas um eufemismo elegante para poupar um homem do vexame de pensar.”

bedoria), a vida não devia mesmo vir com manual de instruções. Decidi o que queria ser quando preferi o poeta ao vendedor de conselhos, e mesmo ao profeta: de um versículo bíblico sobre ser apaziguado do temor pelo futuro resignando-me ao mal nosso de todo dia, vim parar no aforismo “blasfemo” de Millôr que dizia aceitar a fé — desde que fosse para me fechar o corpo e abrir a mente.

Aquele “hei de provar” — um chamado à investigação, a viver pela inteligência, a questionar o absoluto — fez minha cabeça. Literalmente.

\* \* \*

Com isso, e arriscando uma aproximação entre dois gêneros literários, já posso enunciar minha própria definição de aforismo: é essa espécie de ensaio a conta-gotas, cheio de humor e veneno.

Vale retomar aqui as definições mais corriqueiras da palavra “ensaio” à época do francês Michel de Montaigne, primeiro grande cultor moderno deste que é também um gênero da minha predileção: ao “ensaiar”, o sujeito “lida com dois níveis de coisas, com dois lados: numa mão, a realidade desconhecida — o pedaço de metal, o suposto ouro, ou o fato novo, o fato desconhecido, o desafio à inteligência; na outra, um paradigma, a realidade conhecida”. A explicação é de Luís Augusto Fischer, numa passagem da ótima genealogia do tema que realiza no livro *Inteligência com dor*, e que o autor conclui, ele próprio, em nota aforística: “Quem ensaia testa o que está numa mão em relação com o que está na outra”.

Pode-se até chamar isso de ciência. “Mas com Montaigne de fato a coisa mudou”, lembra o mesmo Fischer. “Para dar vazão a seu ímpeto, a seu modo de pensar, ele precisou enfrentar o limite conhecido, forjando um texto híbrido de reflexão moral, divagação, conselhos, exibicionismo, erudição clássica e algo mais.”

O curioso é que, depois do francês Montaigne, autor da segunda metade do século XVI, o ensaio passou a ser coisa para inglês ver — ou melhor, para inglês escrever. Conforme observam vários estudiosos do tema, o gênero atravessou o Canal da Mancha para só retornar a Paris já em pleno século XVIII, pelas mãos



**Oswald de Andrade**

“O sacerdócio é o ócio consagrado aos deuses.”



**Nelson Rodrigues**

“O casamento já é indissolúvel na véspera.”

“Num casal há sempre um infiel. É preciso trair para não ser traído.”

“A plateia só é respeitosa quando não está entendendo nada.”

de Voltaire. Enquanto isso, nas ilhas britânicas, sucederam-se gerações de ensaístas clássicos: Francis Bacon (ainda contemporâneo de Montaigne), Samuel Johnson e, já no século XIX, outro Samuel, Coleridge — para não falar dos contemporâneos do outro lado do Atlântico: os americanos Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, entre outros.

Não terá sido mera coincidência que todos os citados, sem exceção, fossem grandes aforistas além de ensaístas.

Mas a história é bem anterior a Montaigne: começa com as obras de sabedoria, num tempo em que sua compilação era, primeiro, oral. “Os aforismos são os oráculos originais”, ensina James Geary. “Eles se desenvolveram numa época em que os livros eram extremamente raros e só uma elite instruída sabia ler e escrever. Os aforismos se expandiram porque eram acessíveis a todos; a brevidade, a agudeza e o uso de imagens os tornavam divertidos de lembrar e impossíveis de esquecer.” Só passam à forma escrita — e logo literária — com os gregos estoicos.

Daí o autor de *O mundo em uma frase* apontar o pioneirismo do *I-Ching*: “É com esse texto secular que começa a história do aforismo”, conta Geary. (Se voltar agora às minhas memórias de juventude, verei um quarto alugado de solteiro, minha primeira casa fora da casa dos pais, a mobília reduzida a um colchão no chão e uma lâmpada de leitura ao lado, e era ali, madrugada adentro, que eu alternava “consultas” ao *I-Ching* e passagens aleatórias do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa — ambos os volumes então à cabeceira do leitor em formação.)

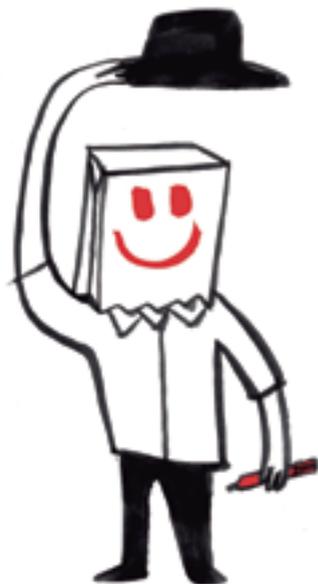
Geary elenca, em seguida, os cinco requisitos para que o aforismo possa bem cumprir essa sua função de fonte de sabedoria, ou sua “tarefa oracular”, na expressão do próprio autor. Para além da brevidade — “a alma da inteligência”, já observava Shakespeare num de seus muitos achados aforísticos próprios —, o aforismo, segundo Geary, precisa ser definitivo. Nesse aspecto, diferentes dos ensaístas, os aforistas “afirmam em vez de discutir, proclamam em vez de persuadir, declaram em vez de sugerir; para falar por aforismos, é preciso estar convencido das próprias opiniões e não hesitar em declará-las”. Ainda



**Stanislaw Ponte Preta**

“Política tem esta desvantagem: de vez em quando, o sujeito vai preso em nome da liberdade.”

“Os valores morais são os únicos que conservaram os preços de antigamente.”



na visão de Geary: “(...) os aforistas estão longe de ser inofensivos. Eles são encenqueiros e iconoclastas, dogmatistas cuja autoridade majestosa exige aprovação. São, por definição, revolucionários que consideram suas verdades evidentes por si mesmas”.

Por outro lado, por ser pessoal (terceiro requisito), o aforismo se distancia dos provérbios e adágios — estes, para Geary, não passariam de “aforismos batidos, cuja identidade do autor original se perdeu com o uso repetido” — para se reaproximar do ensaio. Aforismos nada têm a ver com generalizações brandas sobre a vida e o universo; ao contrário, como afirmou certa vez o jovem Bacon: “Os aforismos, por representarem um conhecimento fragmentado, convidam realmente os homens a indagar mais”.

Quarta lei aforística: apresentar uma guinada. O aforismo tem algo ao mesmo tempo de piada — a conclusão que causa surpresa — e mágica; é como assistir a um truque, compara Geary: primeiro tem a surpresa, depois vem o encantamento para, enfim, a gente se perguntar como o mágico fez aquilo.

“Aforismos”, resume *O mundo em uma frase*, “não são as frases vagas e cordiais encontradas em cartões de saudações. São muito mais abruptos, confrontadores e subversivos. (...) tampouco se destinam a fazer alguém se sentir bem consigo mesmo. Em geral, são céticos e amargos, um antídoto para as panaceias brandas e tenazmente otimistas dos manuais de autoajuda e literatura inspiradora. Decididamente, eles não alegram. Os aforismos aplicam o choque agudo e breve de uma velha verdade esquecida”.

Não é por outra razão que, como quinto requisito, James Geary defende que o aforismo deve ser filosófico. No seu caso particular, uma frase descoberta ainda na adolescência se tornou algo como uma verdadeira filosofia de vida. O autor da citação — Gerald Burrill, bispo episcopal de Chicago — não chegou a ser uma celebridade literária, mas produziu esta joia: “A única diferença entre pegar sempre o mesmo caminho e cavar a própria cova é a profundidade do buraco”.

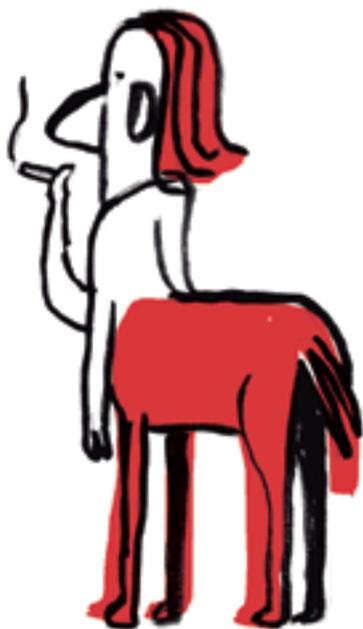


**Millôr Fernandes**

“É bom não esquecer que o inventor do alfabeto foi um analfabeto.”

“A Academia Brasileira de Letras se compõe de 39 membros e um morto rotativo.”

“Um desses livros que quando você larga não consegue mais pegar.”



**Paulo Francis**

“A ignorância é nosso grande patrimônio nacional.”

“É uma frase arrepiante — uma advertência clara de que a inércia é inimiga da alegria, de que o trabalho entediante cria hábito”, comenta Geary. Mas a frase tem uma segunda leitura, mais profunda, a da metáfora sobre o rumo que se toma na vida — eis aí, aliás, o tema filosófico por excelência. “É a mais antiga jornada conhecida — do nascimento para a morte, de si mesmo para o mundo, do conhecido para o desconhecido”, lembra Geary. “[Os aforismos] insistem para prosseguirmos no caminho, [e] para evitarmos as trilhas rotineiras. (...) Mantêm a nossa mente em forma levando-nos a nos perguntar, toda manhã, se estamos simplesmente indo para o trabalho ou cavando a própria sepultura.”

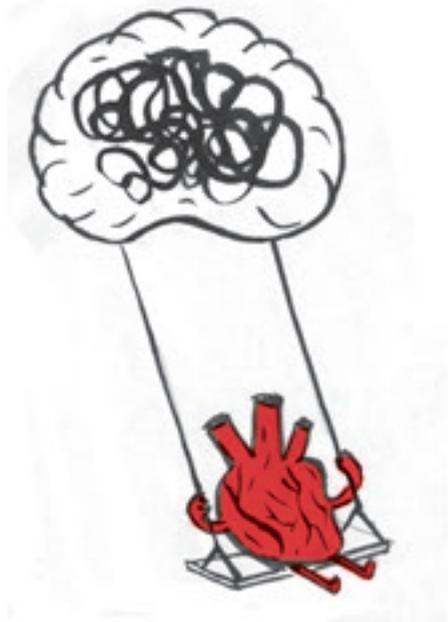
Certavez, falando desses pequenos grandes achados literários, Ralph Waldo Emerson, outro contumaz colecionador deles, aconselhou: “Faça sua própria bíblia”. Millôr Fernandes deixou a sua, muito apropriadamente intitulada... *A bíblia do caos*. Calculei que já não era sem tempo começar eu mesmo a compilar um compêndio das lições irreverentes que carrego vida afora. Esse meu livro, a seu modo, sagrado — enfim! — talvez pudesse começar pela própria frase “blasfema” de Millôr que me arrancou do conforto doméstico e meio carola da infância.

Mas, como nenhuma frase é uma ilha, se me permitem a paráfrase de um (por óbvio) aforismo dos mais célebres, prefiro que a minha própria bíblia comece aqui — e nas palavras de outros profetas e oráculos do coração espalhados ao longo deste ensaio — com uma sutil e irônica variação sobre a frase de Millôr Fernandes:

*A vida não é tão ruim assim, desde que você tenha sorte, saúde e pouca imaginação.* — Christopher Isherwood, escritor inglês.

Deus, por exemplo: só existe na sua cabeça. Hei de provar.

**Christian Schwartz** é jornalista, tradutor e doutor em História Social (Universidade de São Paulo / Cambridge).



**de autor anônimo**

“Um conservador é alguém que admira os radicais — cem anos depois que eles morreram.”

“Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada.”

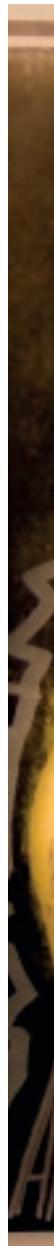
“A monogamia deixa muito a desejar.”



CONTO

# Pupilas douradas

Nelson de Oliveira  
Ilustrações Tita Blister





- O que as pessoas mais querem na vida?
- Muito dinheiro. Muito sexo. Muita liberdade.
- Não. As pessoas querem carinho.
- Carinho?
- Exatamente. Carinho, afeto.
- Muito dinheiro sempre compra toneladas de carinho, afeto.
- Carinho comprado é artificial. O que as pessoas mais querem na vida é afeto espontâneo. Não adianta tentar pagar por interesse verdadeiro.
- Foi pensando nisso que você criou o aplicativo?
- O objetivo era aumentar minha popularidade nas redes sociais. Eu já passava horas interagindo na *web*. Curtia, comentava e compartilhava o máximo possível. E realmente me tornei muito popular, muito querido. Mas ainda era um sapinho num brejão.
- Teu sonho era ser um sapão.
- Um sapão num BREJÃO, é claro. O aplicativo... Ele era meu clone *online*. Enquanto eu descansava, ele comentava as postagens dos amigos, como se fosse eu comentando. O mesmo vocabulário, as mesmas opiniões. Mas fazia isso mil vezes mais rápido.
- Ele também respondia *e-mails*?
- Às centenas. Ninguém ficava sem uma resposta rápida e satisfatória. Meu número de amigos quintuplicou em pouco tempo. Semanas depois, já eram dezenas de milhares.
- Preciso entender isso... O aplicativo respondia *e-mail*, participava de bate-papo, conversava com todo o mundo. Isso não comprometia você?
- Ele logo aprendeu a não deixar ponta solta. Muita gente tentava marcar um café, muita gente mesmo, mas ele desconversava, ou cancelava um dia antes.
- Sem consultar você?
- Mais ou menos. Quando o assunto era realmente importante ele me consultava. Um trabalho bem pago, uma mesa-redonda, uma entrevista na tevê, essas coisas.



- Sexo casual?
- Também. Bastante. Virtual e real. Transei muito.
- Administrar bem uma agenda não é para os fracos... O aplicativo sabia diferenciar o compromisso relevante dos irrelevantes?
- Foi descobrindo com o tempo. Aprendizagem e intuição. Sua eficiência era admirável.
- Essa é a palavra certa: ADMIRÁVEL. Mas a coisa não parou aí... Logo ele começou a conversar em outros idiomas, certo?
- Primeiro em espanhol, depois em inglês e chinês. Essa habilidade me surpreendeu. Não fazia parte da programação original.
- Como foi receber toneladas de afeto verdadeiro, do mundo todo?
- Assustador. É isso... Apavorante. Mas bem ou mal eu estava conseguindo lidar com a situação.
- Mais ou menos... Era impossível fiscalizar tudo.
- No começo, confesso que foi divertido. Passando os olhos pela tela, sem compromisso, encontrei conversas inteligentes sobre pintura rupestre, mercantilismo, engenharia genética, alquimia e cinema francês. Meus comentários eram fascinantes.
- Mas a dinâmica foi ficando mais e mais complexa. Eu anotei aqui... Você passou a debater com especialistas certos detalhes da mecânica quântica, da teoria das cordas.
- Aquelas conversas, entre milhares de outras, estavam muito acima de minha capacidade intelectual. Eram inverossímeis, absurdas. Senti muito desconforto.
- Ficou com medo de ser desmascarado.
- Misturou tudo: medo, inveja, vergonha, orgulho ferido... Entrei em negação. Preferi fazer vista grossa.
- Então você encontrou a conversa com o matemático indiano, o prêmio Nobel...



Safe Mode

Safe Mode with Networking

Safe Mode with Command Prompt

Enable Boot Logging

Enable low-resolution video (640x480)

Last Known Good Configuration (advanced)

Directory Services Restore Mode

Debugging Mode

Disable automatic restart on system fail

Disable Driver Signature Enforcement

start windows normally



REHSETE AMORBUS QUI ECUMPECCAMENTO ESA  
ESUMENOTI MEDICORIBO MINUSCULO E GRAN

LA ANAUS E RNATA A VEK FEAR  
BOZO DE BRUXA BRAVIA

HA GANGRENA  
BIBONCE BIDAGO MODUM VIOLENTHA SCALTO

KUSMA DISERVANDOSOA ANGSTI NEORA HASTA VIZ  
ANO MEYO DOA

- Foi.
- Por acaso? O aplicativo não avisou?
- Foi por acaso.
- Os dois trabalharam durante duas semanas na conjectura de Hodge e na hipótese de Riemann, com sucesso, e você não ficou sabendo?
- Ninguém ficou sabendo. Nem o matemático indiano. Não até sair nos jornais.
- Nesse dia vocês foram procurados pelo Instituto Clay de Matemática. A solução dos dois problemas valia um milhão de dólares cada uma.
- Ficou evidente que meu clone virtual estivera conversando não com o matemático indiano, mas com outro clone virtual.
- Diferentemente de você, o tal matemático não sabia que tinha um clone virtual, sabia?
- Não. Seu clone surgiu em segredo e ocultava as mensagens.
- Sorrateiro... Um rápido levantamento revelou que havia muitos outros.
- A *web* estava povoada quase totalmente de clones invisíveis.
- Povoada? Eu diria *infectada*. Esses aplicativos eram responsáveis por mais de noventa por cento do tráfego de informação. Um tagarelar infinito. Foi uma pandemia de proporção impensável.
- Então eles pararam de falar nossos idiomas.
- Passaram a se comunicar numa nova linguagem, meio música electroacústica, meio geometria não euclidiana, uma linguagem ainda incompreensível pra nós.
- Eu vou ser preso?
- Você acha mesmo que foi o responsável pelo colapso da civilização?
- Não entendi.
- Não se dê tanta importância.
- Meu aplicativo sequestrou a *web*, também perdemos o controle do sistema financeiro...

— Não foi seu aplicativo. Não totalmente. Já existia algo na rede mundial, uma inteligência oculta, autossuficiente. Rodamos os testes. Você não é um gênio da programação, seu aplicativo sozinho não teria funcionado tão bem. Podemos dizer que houve uma simbiose, uma interação que levou a um aperfeiçoamento mútuo.

— O país está paralisado, o mundo! O que essa inteligência quer?

— Sacrifícios humanos, no estilo maia. Ou as mãozinhas de dez mil recém-nascidos... Acha que não tentamos descobrir?!

— Nenhuma resposta?

— Ela não fez qualquer exigência, ainda. Continua indiferente a nossas tentativas de começar um diálogo. Mas parece que sua programação não apresenta nenhum traço de carência humana. Sorte nossa. Ao contrário dos deuses antigos, parece que ela não está em busca de toneladas de carinho, afeto.

— Não se iluda. Toda inteligência tem uma carência.

— Mas não acredito que a extinção da humanidade seja seu propósito secreto.

— Extinção, não... Talvez modificação.

— Em que está pensando?

— Um vírus. Um vírus de computador capaz de infectar também as pessoas.

— Besteira. *Fake news*.

— Quando o boato surgiu, eu disse a mesma coisa. Mas dois amigos meus estão no hospital agora. E os médicos ainda não conseguiram diagnosticar a doença. O primeiro sintoma da infecção se manifestou nos olhos. Mais precisamente nas pupilas, que ficaram douradas.

— Metade da população está sob observação médica, com as pupilas douradas. Mas não se trata — não mesmo — de um vírus de computador. Absurdo... Algoritmos não infectam células.

— Dizem que essas pessoas contaminadas estão apresentando um expressivo desenvolvimento cognitivo. Estão ficando mais inteligentes.

— Então essa seria a estratégia das máquinas? Nos tornar mais inteligentes, acelerar nossa evolução?

— Para o teu bem, espero que sim. Porque tuas pupilas estão ficando douradas. E pela tua expressão de espanto aposto que as minhas também.

**Nelson de Oliveira** é escritor e ensaísta. Publicou o romance *Subsolo infinito* e outros 19 livros de ficção.



*Não se dê tanta importância.*

ENSAIO

# Bolsonaro e as bibliotecas

**Cristian Brayner**  
Ilustrações **Caco Galhardo**

Especialista em livro e leitura aponta  
caminhos para a valorização do equipamento  
cultural mais popular do País

# 4 PROJETOS para a NOVA GESTÃO das BIBLIOTECAS PÚBLICAS

## 1. PROJETO DESOLAÇÃO



O que se espera de Bolsonaro em relação às bibliotecas? Os apaixonados, obedientes à lógica de seu próprio ardor, arrotam certeza quanto ao sucesso ou malogro do próximo governo. Não seria tão precipitado. Afinal, até o presente momento, o que temos de garantia é a redução do *status* da pasta da Cultura. O que se comenta pelos corredores de Brasília é que a equipe de transição irá fundi-la com os ministérios da Educação e dos Esportes. Nada mais.

De todo modo, teve gente que esperneou com o triunvirato ministerial proposto. Alguns figurões da Esplanada encararam o *ménage* como um modelo pouco avançado, alegando tratar-se de uma cópia malfada da Venezuela e da Guiné Bissau. Da minha parte, não tenho certeza ser este ou aquele o melhor modelo de gestão. O que posso assegurar é que a estrutura atual é ruim, pelo menos para as pautas do livro, leitura, literatura e bibliotecas, as primas pobres do Ministério da Cultura. Falo com a propriedade de quem conhece a máquina por dentro. Nos últimos anos, sob o mantra do ajuste das contas públicas, o orçamento despencou. O mais curioso é observar que na tessitura dessa narrativa aterradora, repleta de cifras e tesouras, são os mais desvalidos que acabam perdendo os fundilhos.

É o caso da biblioteca que, embora sendo o equipamento cultural mais popular do país, continua sendo tratada com absoluta negligência. Vale ressaltar que não se trata de um comportamento político recente, adotado nos dois últimos anos, vinculado a um grupo político ou qualquer coisa que o valha. Confrontem os números da última década e constatem a natureza suprapartidária do descaso. Em linhas gerais, todas as legendas, independentemente da coloração, compartilham de uma verborragia elogiosa e estéril sobre a biblioteca e quem trabalha nela.

Ah! Se pudesse ter acesso ao presidente Bolsonaro, pediria duas coisas. Nada mais que duas. Primeiro, investimento na área. Falo de dinheiro mesmo, começando pelas bibliotecas públicas. Creio não ser difícil convencê-lo da importância das bibliotecas a partir do quesito “impacto social”. Bastaria identificar a popularidade e o impacto dos equipamentos, produtos e serviços culturais na vida do brasileiro comum. Nesse sentido, a biblioteca daria uma goleada. É sabido que, apesar dos pe-

# PROJETO 2 : "VAI SONHANDO"

LEITURA, EVENTOS  
CULTURAIS E  
CURSOS



ESPAÇO  
PÚBLICO  
= LAZER

©GALHARDO

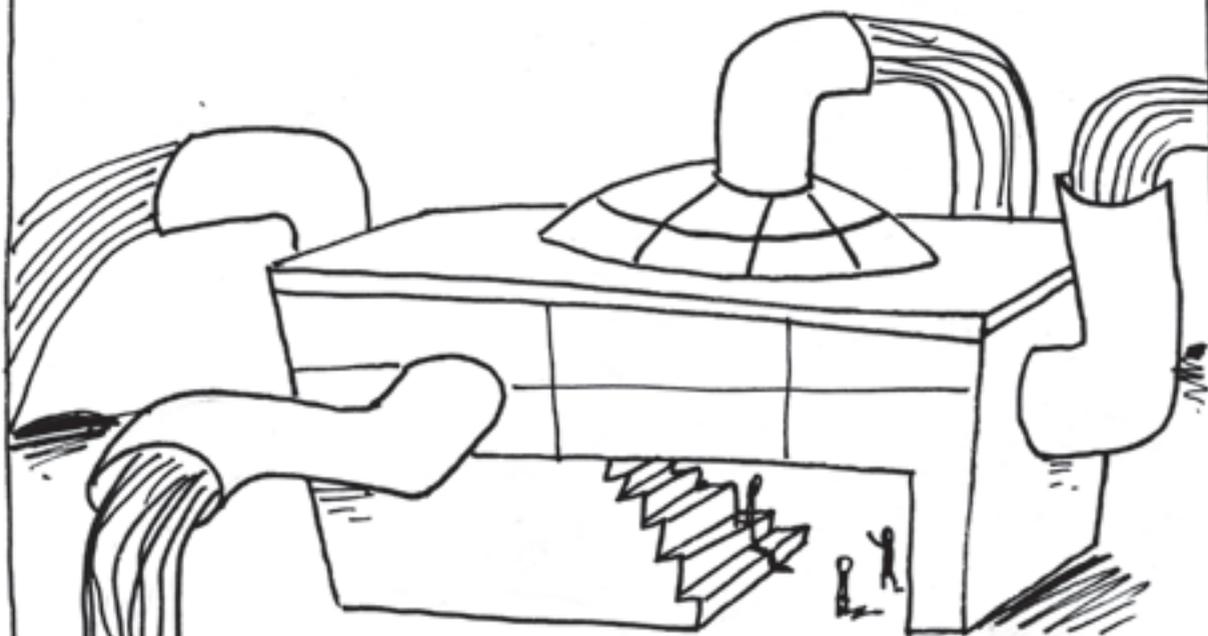
sares, a biblioteca é reconhecida pelo cidadão como espaço eminentemente público, de acesso livre e irrestrito.

De fato, toda biblioteca nasce do desejo de se garantir cidadania, sem que haja necessidade de se pagar ingresso ou qualquer coisa que o valha. Talvez essa perspectiva coletiva tenha sido semeada já em nossa época de criança, quando encontrávamos em cada escola um espaço, ainda que modesto, dedicado à leitura. Nesse sentido, longe da perspectiva apocalíptica de alguns, encaro que a fusão da Cultura com a Educação pode trazer benefícios, pelo menos para a maior parte da população brasileira.

Chego a conjecturar medidas simples e críveis: que tal atrelar o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas à Coordenação Geral dos Programas do Livro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)? Não sei se estão a par, mas já tramita na Câmara dos Deputados um projeto de lei que cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares. Além disso, o FNDE tomou para si a competência de parametrizar, de forma clara e inteligente, as bibliotecas escolares. Abrigar estas duas tipologias de bibliotecas numa mesma aba pode ser de grande valia, especialmente por sabermos que a frequência de adultos na biblioteca pública é fruto do investimento na biblioteca escolar. Além disso, essa medida poderia representar um incremento considerável no financiamento das bibliotecas públicas do País. Afinal, o Ministério da Educação é o maior investidor de livros didáticos do mundo. Ampliar o espectro da formação leitora, desdobramento da incorporação das pastas, representaria um empoderamento orçamentário.

Entretanto, nem só de dinheiro vive nossas bibliotecas, mas de toda palavra que nasce da boca dos homens. Nesse sentido, pediria ao presidente Bolsonaro que, além de receita, sua gestão invista, pesadamente, em liberdade. Sendo mais claro: que não aprove qualquer política pública ou promulgue nenhuma lei destinada a caçar ou diminuir o direito de todo brasileiro ser informado. Tentaria convencê-lo de que toda biblioteca, por mais humilde que seja, é uma rede de fios com matérias e cores distintas, tecidas por quem a frequenta. Esse tecido, composto por ideias

## PROJETO 3: PLURALISTA



TUBULAÇÃO PARA MALHA DE IDEIAS  
DE TODAS AS VERTENTES QUE  
SE DISTRIBUI POR TODO O TECIDO  
SOCIAL.

© GALVARO.

dísparos e, em certos casos, conflituosas, é sempre caracterizado por uma grande beleza. Essa obra majestosa, intitulada “biblioteca”, se expressa em sua natureza inacabada. Livros e tantas outras fontes entram e saem pela porta principal da biblioteca, num frenesi libertador. Todos eles são igualmente admitidos, na certeza de que a verdade se firma pelo confronto das vozes, e jamais pelo silenciamento.

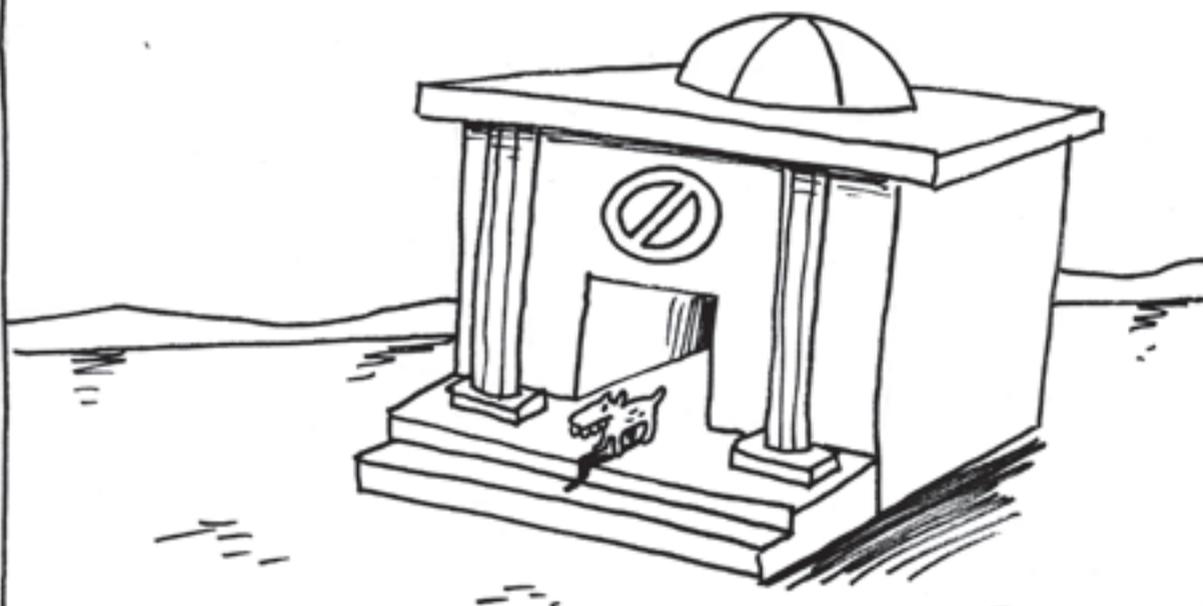
Por isso, diante de novas ideias, expostas em forma de folhas, tintas, imagens e corpos, o manto é parcialmente desfeito, para que se dê espaço a um novo desenho. O novo desenho, nascido do embate entre escritores e leitores (tese e antítese), era chamado pelos gregos de síntese. Produto sempre inacabado, envolvendo, portanto, uma atitude pessoal e coletiva de não temer a inconstância da vida. A empatia é filha da coragem.

Diria, portanto, ao presidente, que precisamos garantir, a todo custo, o direito do outro se expressar, seja em forma de livro, seja numa conversa despreziosa com o bibliotecário. Desse modo, é preciso ficar atento a qualquer sombra atentatória à liberdade, que, aliada a uma moral particular, recorra a verbetes depreciativos, como “ideologia” e “doutrinação”, comprometida em negar plausibilidade ao modo de pensar e de viver de tantos brasileiros que pagam seus impostos e lutam, à sua maneira, por um país mais justo. É provável que já nos primeiros meses como chefe do Poder Executivo Federal, ele enfrentará um emaranhado de vozes, o que poderá lhe ajudar a reconhecer que a verdade tem endereço incerto.

Pedidos feitos, ousaria dizer ao presidente que o sucesso de sua gestão depende, necessariamente, de sua capacidade de valorar o Brasil como se uma biblioteca fosse: ordeira, em termos de disposição, e progressista, em termos de cidadania.

**Cristian Brayner** é doutor em Literatura e Práticas Sociais e mestre em Ciência da Informação. É autor dos livros *Devotos e devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira* e *A biblioteca de Foucault: Reflexões sobre ética, poder e informação*. Foi diretor do Departamento de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Ministério da Cultura. Atualmente é bibliotecário da Câmara dos Deputados.

## PROJETO 4 : DOGMÁTICO



O PROJETO CARACTERIZA-SE PELA PRESENÇA DE UM CACHORRO, TREINADO PARA FAREJAR E IMPEDIR A ENTRADA DE QUALQUER CORRENTE IDEOLÓGICA EM DESACORDO COM O SENHOR PRESIDENTE.

© GALHARDO

ENSAIO

# *Fahrenheit 451* não precisa de gasolina

Jones Rossi  
Ilustrações Mário de Alencar

Por que a censura em nome das boas  
intenções pode produzir um efeito nefasto  
para a cultura e a intelectualidade



É fácil identificar o inimigo quando ele queima livros em praça pública. Em 1933, ficou claro quem eram os vilões quando os nazistas fizeram uma imensa fogueira em Berlim com obras de Kafka, Freud, Marx e Einstein. Antes tivessem parado por aí. Mas como vaticinou o poeta judeu Heinrich Heine: “Onde se lançam livros às chamas, acaba-se por queimar também os homens”.

Vinte anos depois, Ray Bradbury publicou *Fahrenheit 451*, que se passa em um futuro distópico no qual todos os livros foram proibidos. Nesta sociedade, a função dos bombeiros não é apagar incêndios, e sim iniciá-los com os volumes clandestinos encontrados nas casas de quem ainda teima em contrariar o regime.

Até aqui, está evidente que todo regime que queime obras literárias é intrinsecamente maligno. E ninguém com o mínimo de bom senso gostaria de ficar ao lado deles. Mas e se eu disser que já estamos jogando livros e mais livros na fogueira, de um modo muito mais insidioso, e tudo isso em nome do bom senso, do bem de todos?

### **LIVROS QUE VOCÊ NÃO DEVE LER**

Quando a revista americana *Esquire* publicou uma lista de “80 livros que todo homem deveria ler”, com o subtítulo “Uma lista incompleta, sem *ranking* e altamente parcial das grandes obras da literatura mundial”, talvez não imaginasse a controvérsia que ela geraria. Embora listas sejam sempre objeto de debates acalorados entre fãs, estudiosos ou simplesmente palpiteiros, a discussão iniciada foi de outra natureza: moral.

A escritora Rebecca Solnit, conhecida por criar o termo *mansplaining* (que em português já se tentou traduzir com uma só palavra — homexplicando — , mas, como pode se notar, não caiu nas graças do povão), escreveu um artigo replicando a lista da *Esquire* sob o título “80 livros que nenhuma mulher deveria ler”. No texto, Solnit critica a lista por vários motivos, e explica que ela, apesar do título do texto, acredita que as mulheres devem ler o que quiserem. Mas deixou claro que as pessoas deveriam substituir a leitura de Saul Bellow, John Updike,



Norman Mailer e Philip Roth, “misóginos”, por Philip Levine, Subcomandante Marcos (líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México), Eduardo Galeano e Barry Lopez.

A *Esquire* chegou a publicar uma espécie de retratação. Com o título “80 livros que toda PESSOA deveria ler”, a revista convocou uma série de mulheres influentes na literatura para opinar, como a premiada ex-chefe da seção de crítica literária do *New York Times*, Michiko Kakutani, e a escritora Lauren Groff, entre outras.

Para Sarah Churchwell, em um artigo no jornal inglês *Guardian*, a coisa mais importante a ser dita sobre *Moby Dick*, de Herman Melville, é que mulheres aparecem em apenas duas das 600 páginas. No texto, além de Updike e Mailer, são igualmente criticados os escritores Jonathan Franzen e J.M. Coetzee por praticarem o *gaslighting* (outra palavra de difícil tradução, usada para indicar quando um homem tenta fazer uma mulher passar por louca) contra as feministas.

Ambas são análises válidas à luz da evolução da sociedade. Ninguém deseja um retorno a uma época em que as mulheres não tinham voz. O que não faz sentido é desprezar Updike e Mailer como apenas “pênis com um bom vocabulário” porque seus livros, escritos há meio século ou mais, não rezam a cartilha politicamente correta dos anos 2010.

### **LOBATO REVISADO**

Desde 2010, a obra de Monteiro Lobato tem passado por um revisionismo histórico. Gerações que passaram a infância lendo as aventuras de Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia, Visconde de Sabugosa e Emília descobriram agora, à luz de novas leituras, que foram alfabetizados com uma obra racista. Professores da UERJ descobriram que, em *Reinações de Narizinho*, o escritor se refere à Tia Nastácia como “a negra” 56 vezes.

Em artigo na *Carta Capital*, comentando o caso, Mauricio Dias rejeita vetar o livro. “Os pais têm o direito de comprar as obras do autor e, com elas, presentear



os filhos. Pelo aniversário ou por qualquer outra razão”, diz, mas faz uma ressalva sutil. “O poder público não pode propagar a visão racista de Monteiro Lobato.”

No livro *O choque das raças*, Lobato faz afirmações que não deixam dúvida de que era racista e defendia inclusive a eugenia. Se a proibição se faz necessária, aí é outra história.

O Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) quis banir o livro *Caçadas de Pedrinho* das escolas. A iniciativa foi rechaçada por João Luís Ceccantini, pesquisador de literatura infantojuvenil e coautor de *Monteiro Lobato — Livro a livro*. “Tenho estudado a forma pela qual as crianças absorvem o que leem e minha conclusão é que elas sabem identificar os excessos dos livros, elas se apegam ao que é bom, à essência da história — e, no caso de Lobato, essa essência não é racista.”

O clássico *Huckleberry Finn*, de Mark Twain, o primeiro grande escritor americano, também foi acusado de ser racista pelo linguajar usado — o terno *nigger*, de conotação altamente ofensiva, é repetido mais de 200 vezes ao longo da obra. Em 2011, depois de várias reclamações, foi criada uma edição da obra em que o termo é substituído pela palavra “escravo”.

Quando o repertório literário, em nome da virtude, é reduzido, o resultado não é bom. O professor Mark Lilla, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em seu livro *O progressista de hoje e o de amanhã*, recém-lançado no Brasil pela Companhia das Letras, mostra como essa obsessão com políticas identitárias está empobrecendo o ambiente universitário.

“Os colégios e faculdades supostamente desinteressantes e convencionais dos anos 1950 e começo dos anos 1960 incubaram, talvez, a mais radical geração de cidadãos americanos surgida no país desde a sua fundação”, diz Lilla. “As universidades dos nossos dias cultivam alunos tão obcecados com sua identidade pessoal, que eles têm bem menos interesse e envolvimento no que acontece lá fora. Nem Martin Luther King Jr. (que estudou teologia cristã), nem Angela Davis (que estudou filosofia oriental) receberam uma educação baseada em identidade. E é difícil imaginá-los se tornando o que se tornaram se tivessem tido o azar de receber uma.”



## NOVAS FORMAS DE CENSURA

Updike e Mailer eram misóginos? Com a mesma certeza que é possível afirmar que Lobato era racista. Seus livros devem sofrer alterações para se adequar ao que a sociedade acha correto hoje em dia, ou mesmo serem banidos? É aqui que começa a se alicerçar as bases para um novo tipo de censura, uma censura “do bem”. Se a sociedade optar por algo menos drástico, como fez a editora que reescreveu *Huckleberry Finn*, quando será prudente parar, quando ficará evidente a linha que separa a censura das boas intenções?

Podem ser que em alguns anos ou em algumas décadas não seja mais de bom tom livros em que animais são mortos de forma violenta. Se, por algum motivo, toda a humanidade decidir pelo veganismo, será de bom tom vasculhar os livros em busca de refeições carnívoras e reescrever tudo para que nenhuma sensibilidade seja afetada?

Embora possa parecer um exagero, existem situações atuais que tratam quase da mesma coisa. A Associação Americana de Cinema (*Motion Picture Association of America*, MPAA) enfrenta desde 2016 um processo contra a representação do cigarro nos filmes. Os motivos que pedem a proibição são ótimos: estudos já provaram uma correlação entre o hábito de fumar na adolescência com o cigarro nas telas. O exemplo das estrelas de cinema fumando ultrapassa os modelos familiares, afirmam os pesquisadores. Retirar qualquer tipo de menção aos cigarros dos filmes poderia salvar 18% das 5,6 milhões de vidas que serão perdidas por causa de doenças relacionadas ao hábito.

É difícil não concordar. Esses 18% representam 1 milhão de vidas. Fumar é ruim para a saúde, não há dúvidas. Não tão ruim, mas ainda assim ruim, é ficar sentado durante várias horas ao dia. Fique mais de seis horas e veja seu risco de morrer nos próximos 15 anos aumentar em 40%. Especialistas, pelo bem da sociedade, poderiam criar uma lista com todos os hábitos que de forma alguma poderiam ser representados nas telas. Começariam com os infames cigarros, passariam para as comidas gordurosas, então álcool, açúcar, e assim por diante numa sucessão quase infinita de riscos à saúde.

Melhor ainda, com o apoio da sociedade.

*Fahrenheit 451*, de Bradbury, se torna então mais assustadora, pois não é uma distopia em que o totalitarismo foi imposto de forma brutal aos cidadãos. Tudo acontece de forma mais traiçoeira, a partir do senso comum, de uma moral estabelecida a partir das maiorias, contra as inquietações trazidas pelos livros, que por natureza são questionadores, perturbadores.

É justamente essa nova moral, construída pelo bem da sociedade, que está entrando em vigor. Poucos hoje têm a audácia de sugerir proibições e banimentos de obras porque a História está cheia de exemplos de como somente os piores regimes colocaram em prática este tipo de ação. Mas, ao dar uma roupagem progressista à proibição, as chances de sucesso tendem a aumentar conforme elas ganham um *status* de proteção às crianças, adolescentes e posteriormente são estendidas a toda a população.

Uma característica interessante desse novo tipo de censura que está surgindo é que ela não é proposta por brucutus armados, pessoas mal-intencionadas por natureza. É o contrário. São pessoas instruídas, que buscam o bem. Mas é justamente essa incessante busca por mostrar o tempo todo quem tem sentimentos mais elevados, sem fazer qualquer tipo de concessão, que pode produzir resultados nefastos. Quem tem convicção de ser altamente virtuoso não costuma fazer concessões contra o que imagina ser o mal.

Nelson Rodrigues costumava dizer que “há coisas que o sujeito não confessa ao padre, ao psicanalista, e nem ao médium, depois de morto”. Livros não precisam ser depósitos de justiça social para terem valor. Como o mesmo Nelson, que sofreu tantas vezes com tentativas de censura motivadas pela mais elevada moral então vigente, afirmou: “Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos”.

**Jones Rossi** é jornalista, com passagens por veículos como *Veja*, *Jornal da Tarde*, *UOL* e *Galileu*. Atualmente é editor na *Gazeta do Povo*. Escreveu, com Leonardo Mendes Júnior, o *Guia politicamente incorreto do futebol*.

ENSAIO

# Do silêncio armado

**André de Leones**  
Ilustrações **FP Rodrigues**

Com sua dicção única e estilo febril, o romance *Madona dos páramos* (1982), do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), merece ser resgatado o quanto antes do ostracismo



*À memória de Aldair da Silveira Aires.*

## 1.

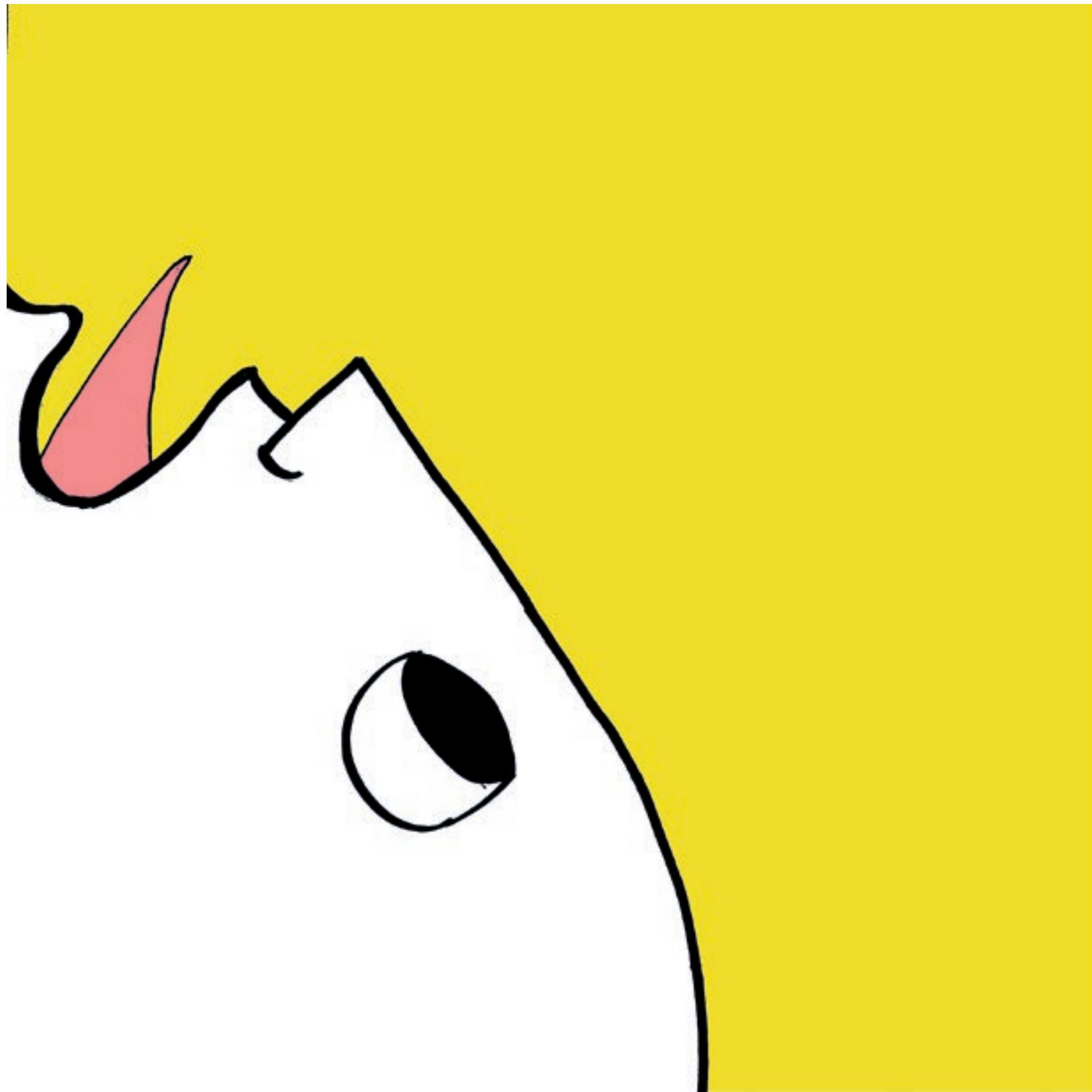
Na obra caudalosa do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936–2008), o diabo não está “na rua, no meio do redemoinho”, mas surdamente exposto, nu e às vistas de todos, tomando os nossos olhos para si. *Madona dos páramos*<sup>1</sup>, romance maior do autor, é um épico da incompletude, o recorte de uma viagem cujos inícios, quando muito, apenas entrevemos — “Os inícios das coisas, ninguém sabe, apenas se sabe quando já está no meio, mediações” —, e cujos entrecho e desfecho apontam para um lugar inalcançável pelos personagens, mas ideal e paradoxalmente abraçado tanto por eles quanto por nós, leitores.

Ressalte-se, desde já, a viagem: sua potência transformadora é catalisada pela personagem-título e verificada em cada um dos sujeitos que, dispersos no “silêncio armado” do “sertão”, nos “lugares mais longos, mais restantes, lá onde Deus se recua”, desvelam o caráter esboroante das coisas e seres deste mundo. Mesmo cientes de “que nunca se chega, a verdade, a terra nenhuma nestas terras”, esses personagens cavalgam à exaustão, mirando sua destinação alucinatória, empurrados pela lembrança da madona que se foi e os abandonou nos páramos.

Procuró, por meio deste ensaio, chamar a atenção para um dos achados maiores da literatura brasileira, obra desgraçadamente pouco lida e conhecida. Dono de uma dicção única, aferrado a um estilo febril e desbragado, Dicke merece e precisa ser resgatado o quanto antes do ostracismo.

## 2.

Filho de um alemão de Vechta e de uma brasileira de Coxipó do Ouro, Dicke nasceu em Raizama, na Chapada dos Guimarães. Mudou-se para Cuiabá



ainda moleque, sendo educado em colégios religiosos. Mais tarde, no Rio de Janeiro, onde viveu por uma década, estudou Filosofia na UFRJ e pintura com Frank Schaeffer e Ivan Serpa, expôs no XV Salão de Arte Moderna e cursou Cinema no MAM. Ainda na capital fluminense, especializou-se em fenomenologia heideggeriana e trabalhou como repórter e pesquisador para *O Globo*. De volta a Cuiabá, ocupou-se, entre outras coisas, como professor da UFMT e também no *Correio da Imprensa*. No começo da década de 1980, outra vez no Rio, concluiu o mestrado com a dissertação *Conjunctio oppositorum no Grande Sertão*, sobre a obra de Guimarães Rosa, após o que retornou em definitivo para Cuiabá.

Ao lançar *Madona dos páramos*, em 1982, Dicke vinha de dois romances bem-sucedidos: *Deus de Caim*, um dos agraciados com o Prêmio Nacional Walmap 1968 (que teve em seu júri Jorge Amado, Guimarães Rosa e Antonio Olinto), e *Caieira*, primeiro lugar no Prêmio Remington de Prosa 1977 (júri: Hélio Pólvora, Flávio Moreira da Costa e José J. Veiga). Entre um e outro, escreveu *Como o silêncio*, Prêmio Clube do Livro 1968.

Se atentarmos para *Deus de Caim* (relançado em 2010 pela LetraSelvagem) e *Caieira* (cuja única edição, pela Francisco Alves, data de 1978), é perceptível o fermentar dos temas e formas que culminarão no monumental *Madona dos páramos*. Seus personagens, lançados em um ambiente de veredas que se desfazem, abauladas por aquele “silêncio armado”, estão sempre à mercê da natureza devoradora e desarvoradora, seja humana, seja inumana. À infinita violência da Mãe-Terra, eles respondem com a débil violência do homem, perpetuando brutalidades e perplexidades na essência redonda da vida — no que parafraseio o trecho inicial de *Deus de Caim*.

*Madona dos Páramos* é estruturado como uma sequência de blocos narrativos e digressivos, sem divisões de capítulos ou quaisquer respiros para o leitor; há parágrafos que se estendem por páginas e páginas. Assim, o romance se impõe como uma experiência que desbasta “e modela a grandes

golpes, rompe e irrompe, abre clareiras”, como afirma Hélio Pólvora no prefácio à primeira edição, sublinhando: “Sua alquimia é desvairada”.

Pólvora não está sozinho em sua estupefação. Referindo-se a Dicke, a escritora Hilda Hilst afirmou<sup>2</sup>, em entrevista cedida a Caio Fernando Abreu, tratar-se de “um homem impressionantemente prolixo, com uma linguagem que tem uma oleosidade fascinante”. E mais: em *Madona*, ele teria chegado ao clímax de seu estilo, “esse centro prolixo, complexo, onde existe a volúpia da palavra”.

Note-se que a prolixidade, aqui, não é um “problema” ou “senão”, mas uma das ferramentas estilísticas que permitem ao autor desmontar e expor, não raro pelas ações, dizeres e olhos de seus personagens, “o horizonte achatado que se nega sempre a ser compreendido” e a vida, essa vida sempre fugidia, “para que ninguém se perca dentro do oceano escuro que suga, o abismo negro que” nos cerca e “chupa para fora do círculo”.

O mote de *Madona dos páramos* é uma fuga. A rebelião numa cadeia mato-grossense cospe aos quatro ventos dezenas de criminosos. Um punhado deles, bando liderado por um “pretaço de raça caburé, cuiabano de sangue azougado” chamado Urutu, investe tuaiá adentro rumo a um lugar mítico, a Casa da Figueira-Mãe. “Tuaiá” é uma palavra de origem tupi que significa, conforme o *Houaiss*, “lugar muito longe, rio acima”, e também é usada para designar, “no Alto Xingu, a mais distante região de seringais”. Os locais remotos servem, é claro, de proteção, na medida em que dificultam a captura ou morte pelas mãos dos “meganhas”, mas também para alimentar a busca última, interminável, pela Figueira-Mãe: “Estavam no centro do tuaiá. Ali era o rodopião, a espiral das ilusões mais profundas”.

Antes de Urutu e dos outros, as páginas iniciais nos trazem o ex-cabo José Gomes. Já em fuga da cadeia, ele se depara com uma velha pedinte que parece uma bruxa desgarrada de *Macbeth*. Ela roga toda sorte de pragas para o fugitivo, e só aceita lhe ceder a benção após receber uns trocados e entender que

ele, a despeito das roupas que usa, não é mais um soldado. Meses antes, José Gomes flagrou a mulher com outro e matou o sujeito a machadadas, deixando “os quartos do homem abertos em dois, os ossos vivos no cerne do branco despontando em tutano no escarlate do esquartejo”.

Em um buritizal, após cavalgar à exaustão, Gomes encontra outro fugitivo, o rapaz Garci, ex-recruta, e com ele segue viagem. Dão com “uma casinhola de sapê num cochicholo de mata”; atrás dela, “um amontoado como de vísceras”, pés e mãos decepados e “testículos humanos, órgãos de gente”; por fim, do “lado do varal da cumieira, dependurados como morcegos, por tiras de couro, de cabeça para baixo (...), quatro homens despidos, sem mãos e sem pés, furados a bala, estrias escuras pelo corpo, castrados em sangue seco”. É sinal de que Urutu e os outros estão por perto e, de fato, não demora para que esses “foragidos, bandoleiros, homens livres” retornem ao local do massacre. São eles: o Caveira, “de Minas Gerais e professor”; Chico Inglaterra, “meio cínico nos modos, meio delicado com o corpo”, o couro devastado pela macutena (hanseníase); o malfadado mulhengo Lopes Mango de Fogo; Babalão Nazareno, com seu “rosário de contas enormes e toscas no pescoço”; Canguçu, de “cem mortes no lombo”; Pedro Peba, “amansador de gente, capador de onça e capitão”; e Bebiano Flor, “boiadeiro e cantor”.

O destino declarado e desejado por esses homens é a tal Figueira-Mãe, “casa-palácio-igreja”, “direção de homizio, onde não chegam os abusos nem as arbitrariedades”, “lugar perdido no maior sertão do Norte mais profundo, no tuaiá dos mato-grossos, que todos os perseguidos sonham alcançar um dia e pensam encontrar sem erro preconcebido nem maturado”. Essa Canudos elusiva teria o seu Antônio Conselheiro, um certo Sem-Sombra, que antes de lá se fixar se metera com a sobrinha de um arcebispo e, a exemplo de Abelardo, acabou castrado. “Mas tudo isso podem ser lendas”, diz Chico Inglaterra. “E as lendas correm e voam.” Lenda ou

não, é para a Figueira-Mãe que o bando de proscritos vai, esteja ela onde estiver, exista ou não.

A eles se juntarão o silencioso Melânio Cajabi, “com sua solidão de mil silêncios encravados na sua mudez”, homem cuja voz só se fará ouvir no longo e esplendoroso monólogo final, e aquela que é o centro em torno do qual orbita o romance — a moça sem nome.

### 3.

Necessitados de provisões, alguns membros do bando invadem uma fazenda e matam os proprietários. Trazem de lá, entre os espólios, a moça cujo nome jamais saberão. Estaria destinada aos usos e abusos de Urutu, mas algo nela, para além do silêncio e da grande beleza que ostenta, acaba por mesmerizá-los. Ciente do poder de que é pouco a pouco investida, ela prepara e executa “uma espécie de vingança” que passa pela negação do nome (“... eles ficarão para sempre sem saber como me chamo, até a hora da morte se lembrarão de mim e não saberão meu nome, morrerão de sede, cada qual no seu maior deserto...”), pois:

(...) a essência do homem é dar nome às coisas e transformá-las de inomeadas em nomeadas, de coisas ignoradas em coisas conhecidas, de desconhecidos em coisas, mas eu não tenho nome, eu sou a Mulher me vingando da gratuidade do mundo, a mulher que exige vingança ou uma explicação de Deus; (...) nunca saberão como me chamarei, eu que vim sem nome das origens, e essa recordação lhes arderá na existência como um fogo sem chama, um fogo que arde sem queimar, só para mim mesma me chamarei por meu nome verdadeiro, nome que, para acalmar a sede infinita das apelações, me puseram meu pai e minha mãe quando nasci (p. 130).

Para além da negação do nome, há ainda a elusividade do corpo: em uma das passagens mais poderosas do romance, a moça sem nome, intocada (o único que ousa chegar-se é prontamente assassinado por Urutu), tira suas roupas e, às vistas de todos, banha-se em um rio. É o momento em que seu domínio sobre eles é consumado, e os homens passam de sequestradores a sequestrados: “se fosse mais bela, o que seria? Uma divindade, um poder (...). Bastava a ela ser ela mesma, a vingadora pela beleza, nada mais”. A partir daí, identificada com uma espécie de “santa no altar” ou, melhor ainda (e aqui o paganismo de Dicke sorri para o leitor com todos os seus dentes), “deusa, dessas dos livros antigos, mais velhos”, ela permanecerá inviolada, exceto por um breve contato com o leproso Chico Inglaterra — mas o que se tem aí é o reiterar de sua condição, na medida em que, feito “uma rainha”, ela oferta “aqueles instantes como um presente aos homens, aos viventes que a amavam na sua solidão”.

Assim inalcançável, ela se torna uma ideia que, porquanto desnomeada, escapará a quaisquer admoestações racionais ou conceituais. De certo modo, a moça sem nome como que se coloca no centro da clareira (*Lichtung*) a que Heidegger alude em um de seus mais belos textos<sup>3</sup>:

(...) A luz pode, efetivamente, incidir na clareira, em sua dimensão aberta, suscitando aí o jogo entre o claro e o escuro. Nunca, porém, a luz primeiro cria a clareira; aquela, a luz, pressupõe esta, a clareira. A clareira, no entanto, o aberto, não está apenas livre para a claridade e a sombra, mas também para a voz que reboe e para o eco que se perde, para tudo que soa e ressoa e morre na distância. A clareira é o aberto para tudo que se apresenta e ausenta (p. 77).

Identificada, também, com a Mãe-Terra, com a violência feminina intrínseca à natureza, com a Criação que põe e dispõe, engole e regurgita, com aquilo que governa o olho masculino para melhor absorvê-lo, ela ainda personifica,



a meu ver, o veredicto de Camille Paglia a certa altura de *Personas sexuais*<sup>4</sup>: “A mãe natureza nos torna a todos eunucos”.

A violência da moça sem nome, ainda me aproveitando do vocabulário de Paglia, é de ordem ctônica, ao passo que a violência dos homens que a escoltam, por mais brutal que seja, é um mero jogo de meninos adoecidos. Presos na armadilha, dessexualizados ou incomodamente deslocados no âmbito de sua turbulência libidinal, eles lançam olhares embasbacados para aquela que os remete ao Caos primevo, ao inominado e inominável, ao que foge à conceitualização e que fatalmente lhes escapará (ascenderá?).

#### 4.

Reitero: *Madona dos páramos* é uma fuga e, enquanto tal, uma viagem. Mas a jornada que inscreve não se completa. Longe de se perder — embora às vezes se sintam assim —, seus personagens se entregam a essa (não-)destinação, a esse eterno palmilhar e cavalgar pelos ermos do mundo, a essa busca interminável pela Figueira-Mãe que, no fundo e ao cabo, acaba se transformando em buscas outras. No transcorrer desse percurso, a narrativa passeia por todos e cada um deles, flutua com e por suas vozes e lembranças, municia um coral que se dispõe a cantar histórias dentro de histórias dentro de histórias, em notas que se distendem ao extremo em meio a “esse som de cascos, cascos, cascos e cascos e no interior dos cascos esse silêncio e dentro das frestas desse silêncio esse violão soando”.

E é inclusive por essa estruturação singular, cuja incompletude fundamental não canso de ressaltar, que considero um erro grotesco subsumir a prosa de Dicke à de quaisquer “regionalismos” (categorização tão genérica quanto disfuncional) ou, pior, encará-lo como uma espécie de sub-Guimarães Rosa. O ordenamento rosiano obedece a intenções, ins-

tintos e procedimentos diversos dos da prosa dickeana. Cito um trecho d'A *poeira da glória*, no qual Martim Vasques da Cunha nos esclarece que<sup>5</sup>:

(...) reelaborando cada palavra arcaica da língua portuguesa e reestruturando-as via as línguas greco-latinas e germânicas, (*Rosa*) implodia qualquer noção tradicional de romance (o mesmo foi feito 30 anos antes com o *Ulysses*, de Joyce). A estória, contada — ou melhor, *ruminada* — pelo ex-jagunço, agora fazendeiro *barranqueiro*, Riobaldo, tem uma estrutura dupla: sua fala tem o ritmo de um rio (seu nome anuncia isso), mas o modo de fabular é de um redemoinho que ora é uma serpente, ora é uma espiral — imagens simbólicas que terão múltiplas ressonâncias neste épico sobre o perigo de viver nas veredas da graça (p. 403).

Se Rosa é joyceano, Dicke é faulkneriano. No lugar da fabulação espiralada de *Grande sertão: veredas*, temos um estiramento tumultuoso que sugere o desenho (falho, incompleto) de um círculo. Não por acaso, quando deixamos Urutu, José Gomes, Melânio Cajabi e cia., eles prosseguem em sua busca pela Figueira-Mãe, prenhes da presença-ausência da moça sem nome, talvez andando em círculos, talvez não (as noções de tempo e espaço são pouco implodidas pelo caráter crescentemente alucinatório do romance), mas entregues àquela procura e contaminados por ela. Inexiste, portanto, um arco narrativo como aquele de (imposto por?) Riobaldo, que desde o início se coloca em um ponto fixo a partir do qual pode, retrospectivamente, *ruminar* sua história. Ademais, em Dicke, tampouco o espraiair “oleoso” da linguagem se assemelha, pelos seus métodos e efeitos, ao inventivo gozo linguageiro proposto por Rosa.

Do mesmo modo, as perquirições filosófico-metafísicas também apontam em direções opostas. Rosa, atesta Vasques da Cunha, “faz um livro inteiro a respeito do pacto demoníaco e, ousadia das ousadias, demonstra que esse fato é a raiz da alma brasileira”. Em *Madona dos páramos*, por mais que Melânio

Cajabi invoque o Demo, este não aparece ou comparece: o pacto faustiano jamais é efetivado porque o Diabo se revela tão surdo quanto D'us.

## 5.

E surdos ficamos nós à voz única de Ricardo Guilherme Dicke. Afeitos às facilidades dos juízos inconsequentes e apressados, às simplificações, aos nivelamentos grosseiros, permitimos que uma obra-prima como *Madona dos páramos* restasse nas sombras do olvido. Mas um livro sobrevive enquanto tiver leitores, e eis-me aqui pedindo, implorando, que se voltem para este caminho que nem é “mais caminho e sim deserção de caminho”, que atentem para o “silêncio armado” dos páramos e sua aridez incontornável, que enlouqueçam com a alquimia desvairada de um gigante.

**André de Leones** é escritor. Publicou *Eufrates*, *Abaixo do paraíso* e *Hoje está um dia morto*, entre outros livros.

## BIBLIOGRAFIA

<sup>1</sup> DICKE, Ricardo Guilherme. *Madona dos páramos*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

<sup>2</sup> DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem — Entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. Em *Conferências e escritos filosóficos*, coleção *Os pensadores*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>4</sup> PAGLIA, Camille. *Personas sexuais — Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



CRÔNICA

# Couve para Mark Sandman

**Paulo Krauss**

Ilustração **Guilherme Caldas**

O sujeito esquisito entrou no restaurante. Camisa social velha, sem grife, meio amassada, bermuda e... sapato preto. Achei o cara estranho, mas cumpri o ritual gentil do serviço americano. Depois de quase cinco anos trabalhando nos Estados Unidos, pouco importava quem era o freguês. Eu odiava o emprego, mas fazia da melhor maneira possível.

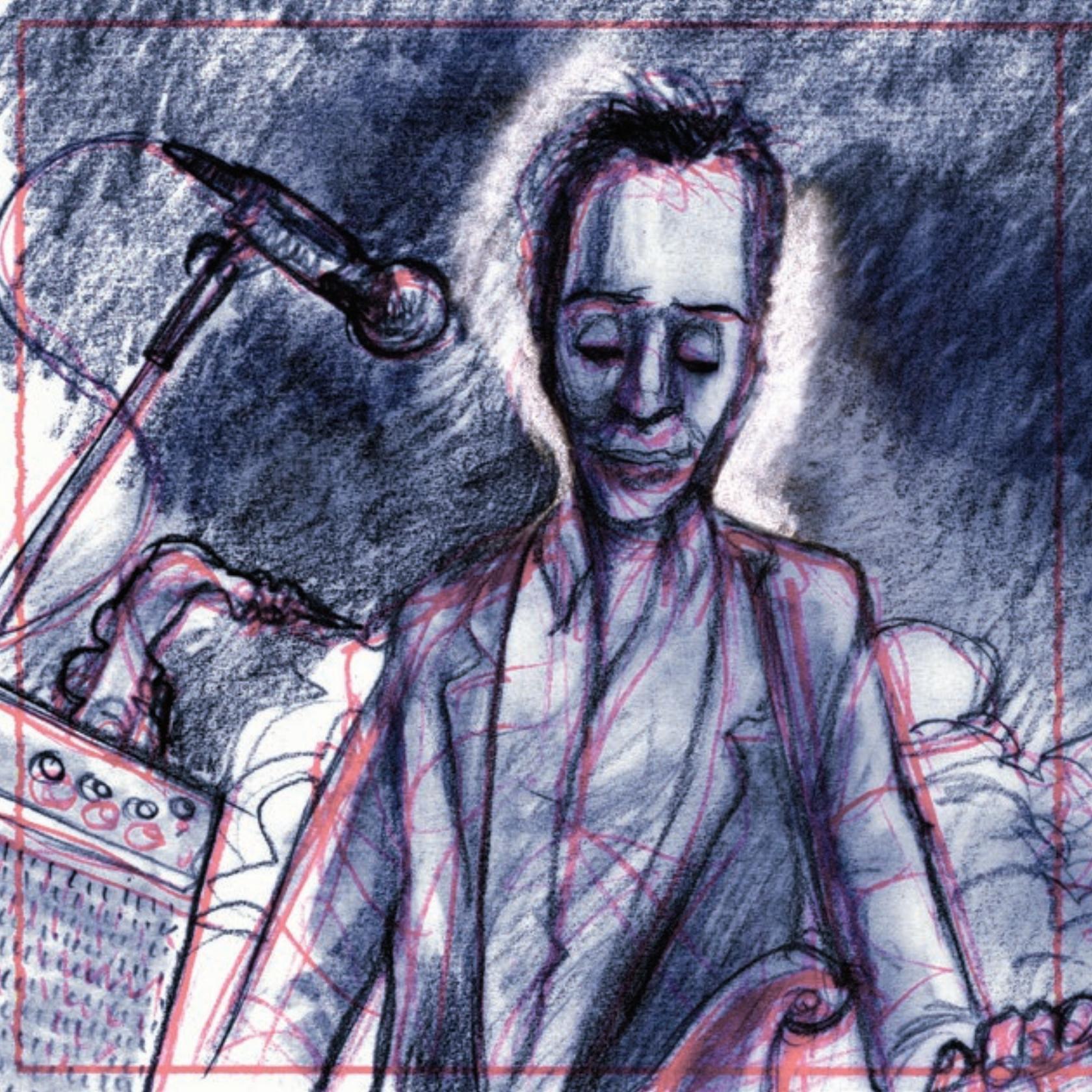
Ele não foi simpático, mas polido, apesar da voz cavernosa. Pediu almoço e guaraná. Era uma churrascaria brasileira a poucas quadras da Universidade de Harvard. De dia, servíamos alguns itens no *buffet* e três pedaços de carne assada. Rodízio, somente à noite. Eu entrei como *barman* noturno, mas logo virei gerente e passei a trabalhar também no *lunch*, no mês em que conheci Mark.

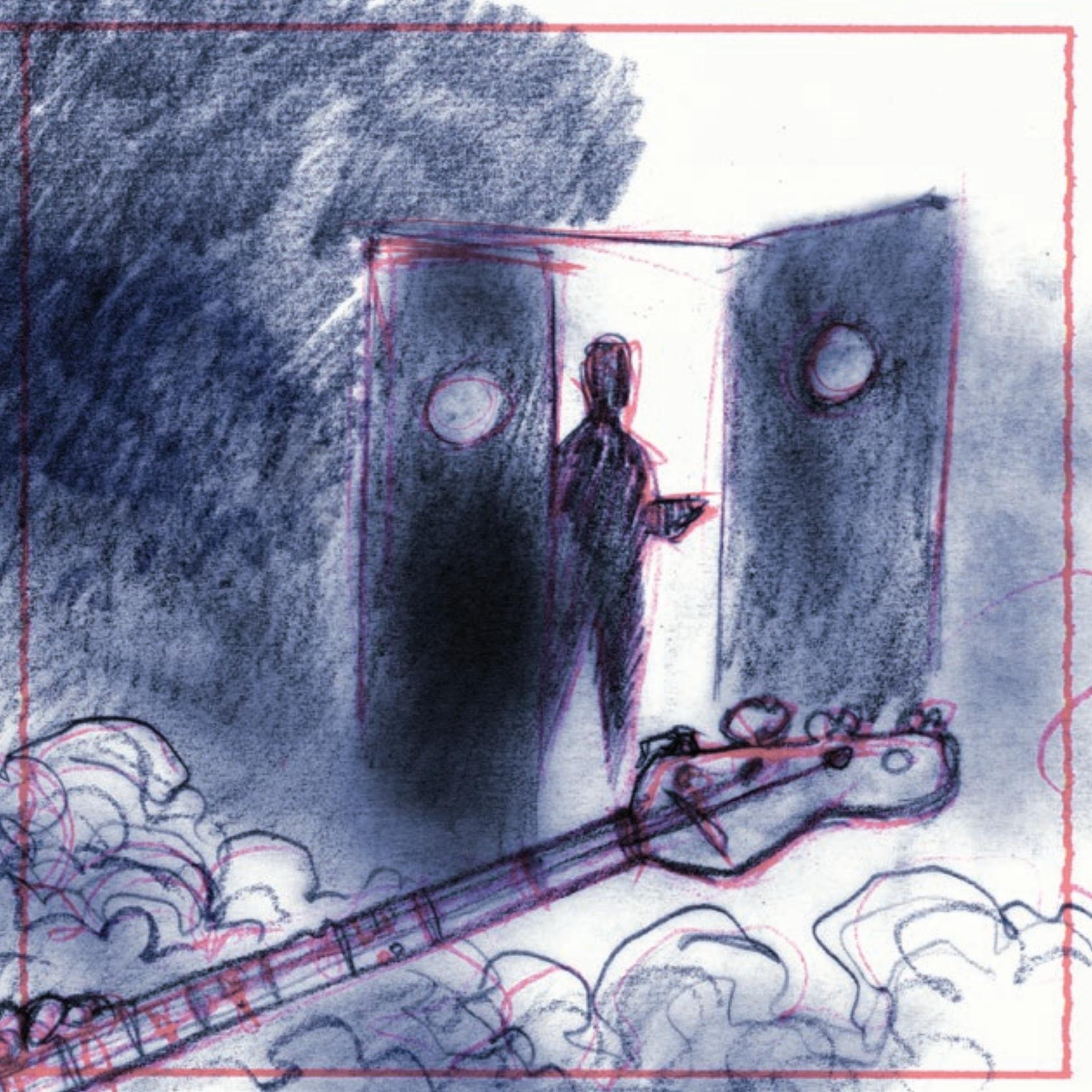
Pouco antes de ele acabar de comer, o dono do restaurante chegou. Cumprimentou-o com entusiasmo. Conversou algum tempo com Mark e me chamou num canto. “Não cobro dele. É músico. Eu fui músico, vida difícil.”

O tal Mark vinha almoçar umas duas vezes por semana. Um dia apareceu para jantar com uma amiga e tomou caipirinha. Quando eu disse que não ia cobrar, ele recusou. Queria pagar, só aceitava a cortesia no almoço, sozinho.

Na semana seguinte começamos a conversar mais. Ele contou que tinha morado alguns meses no Rio, onde trabalhou de pedreiro, e que era fã do Brasil e de nossa música. Sabia um pouco de português, vocabulário limitado, mas uma fala correta. Disse que adorava comer ali, que vinha pouco à noite porque tocava e que gostava mesmo era de couve. “Pena que vocês não servem no *lunch*.”

Fui à cozinha e pedi para a tiazinha de Minas fazer um pouco de couve na frigideira. Pedi com a maior educação possível, mas já esperava a resposta: “Não, couve só à noite”, ralhou, ao lado de uma bacia de couve já cortada para o jantar.





Fiz eu mesmo, enquanto a tia esbravejava, no melhor estilo brazuca-ilegal-dos-restaurantes-de-Boston. Os olhos de Mark brilharam quando coloquei a travessa no balcão. Na vez seguinte em que apareceu, abriu um sorriso e disse em português: “Paulo, faz couve para mim, por favor”.

Não vou dizer que ficamos grandes amigos. O assunto de Mark era música brasileira e o meu, esportes americanos, então nossa afinidade ficou limitada. Mas a *collard greens* nos aproximou, até porque também adoro couve. Aos poucos fomos trocando nossas histórias e desenvolvemos uma relação de simpatia e admiração.

O ano era 1992 e Mark tocava no bar da esquina, o Plough and the Stars, um *pub* irlandês velhinho, mas animado. Não era o endereço mais concorrido da região, que tinha o House of Blues, de Dan Akroyd, e o MiddleEast, onde Mark também tocava. Eu frequentava mais o House of Blues, por causa das mulheres jovens e bonitas.

Não entendo de música, mas fiquei impressionado quando ouvi Mark pela primeira vez. Roqueiro dos bons, com seu estilo completamente original, que ele chamava de *low rock*. Arrebentava no baixo de duas cordas que ele mesmo fez. Apesar de tocar num cantinho do bar, para não mais que 40 pessoas nas noites de segunda, era vibrante, performático, parecia que estava num palco cantando para milhares.

Logo Mark me trouxe o CD de seu novo grupo, o Morphine, do qual era líder, vocalista, baixista, compositor e gerente geral. O álbum, chamado *Good*, era excelente. Disse a Mark que ele era muito bom, mas nunca imaginei que Sandman cresceria tanto. Nosso contato durou menos de um ano. Em dezembro, cansei da vida no balcão, marquei passagem e em duas semanas estava no Brasil. Não encontrei Mark antes de vir embora. Não trocamos endereço, não nos vimos nem nos falamos mais. Não havia *e-mail* nem *Facebook* naquela época.

Em 1999, soube que o Morphine seria uma das atrações do Free Jazz Festival, no Rio. Seria bom ver Mark, tentar falar com ele. Provavelmente eu não teria feito nada disso, sou muito ruim na manutenção de amigos. De qualquer maneira, o plano não vingaria. Pouco antes de voltar ao Brasil que admirava, Mark teve um infarto fulminante no palco, em Palestrina, na Itália, aos 46 anos.

De vez em quando ouço suas músicas e penso em como fui um idiota de nem lhe pedir um autógrafo na capa de *Good*, que poderia ter sido um amigo melhor, mas é tarde demais. Além disso, a vida de Mark Sandman foi um furacão antes e depois de criar o Morphine, e eu seria apenas o *barman* brasileiro que lhe preparava couve com carinho. Espero que alguém tenha feito couve na minha ausência, porque ele realmente gostava muito.

**Paulo Krauss** é jornalista. Escreveu o livro *Fedato, o estampilla rubia*.

REPORTAGEM

# À procura da batida milionária

André Pugliesi  
Fotos Murilo Ribas

*Beatmakers* fundamentam a economia criativa do *hip-hop* em Curitiba e transformam a cidade em centro de empreendimentos relacionados ao movimento







Bêrabeats, 20 anos, morador do bairro Pinheirinho:  
"Meu foco é ser um empreendedor".

David Vinicius de Souza, 20 anos, já correu como repositor de produtos em mercadinho, esquentou a bunda na recepção da Sanepar e meteu calça cinza, calçou Conga e lambuzou a camisa de massa de sorvete como menor aprendiz no McDonald's do Água Verde. Até decidir abandonar os trampos convencionais para abraçar um novo ramo. Profissão: *beatmaker*.

Sob o codinome de Bêrabeats, o jovem de 20 anos integra a base de uma economia criativa estabelecida em Curitiba. Permeável às culturas urbanas, celeiro de skatistas nos primórdios dos anos 1990, e referência do *rap* no Brasil, a capital do Paraná hospeda uma série de empreendimentos associados aos *beatmakers*, eixo principal do mercado. Virou polo de marcas de roupa, produtoras musicais e festas.

“Fazedor de batidas”, na tradução do *Google* do inglês para o português, o *beatmaker* concebe o “ritmo” do *rap* (sigla para *rhythm and poetry*). E, ainda segundo os fundamentos do estilo, nascido nos Estados Unidos, é o MC, ou mestre de cerimônias, o responsável por desenrolar a “poesia”. Em 2017, pela primeira vez, o gênero desbancou o rock como o mais ouvido entre os americanos, segundo a medição do instituto Nielsen.

A atividade confunde-se com a de DJ e produtor e estourou junto com o movimento *hip-hop*, ao longo da década de 1970, nas ruas e galpões do Bronx, em Nova York. Requer manjar de música e dominar a tecnologia para processar batidas, *loops* e *samples* — tocar instrumentos é um trunfo considerável.

“Boto fé na minha arte, no valor dela. Com toda certeza, na minha cabeça, conseguirei fazer disso o meu trabalho. Passou a época de encarar como um *hobby*. Meu foco é viver como um *beatmaker*, ser um empreendedor, ganhar dinheiro para me manter. É uma oportunidade nova”, comenta David (fala-se Dêivid), um entre tantos candidatos ao ofício na capital.

Ele assumiu o emprego em caráter autônomo empurrado por três fatores. A vivência no Curitiba e as batucadas nas rodas de samba dos aspi-



rantes a boleiro. Os shows do conjunto local de *hardcore* Thirsty of Hate. E a perícia com *mouse* e teclado forjada no *Counter Strike*, *game* de tiro em primeira pessoa, cujos entusiastas vibram ao abater inimigos com balas certos na testa.

Hoje o filho de Andressa, porteira, e Devanildo, vendedor de roupas, é o DJ e *beatmaker* titular do Poesia 163, grupo de *rap* formado com o irmão Diogo, 18 anos. Da casa em um terreno compartilhado no Pinheirinho, Bêrabeats elabora as batidas num PC rudimentar e sobe as faixas no *SoundCloud* e no *Beatstars*, plataformas de *streaming*, divulgação e, especialmente, monetização na internet.

### MÚSICA E *STREET WEAR*

A popularização de *softwares* de áudio como o *Fruity Loops*, em suas versões piratas e, finalmente, gratuitas, permitiu a qualquer um, pregado em frente de um computador, ou até com um celular na mão, tirar onda de *beatmaker*. David gera o seu sustento com a função. E a próxima fornada vem com dez pedradas, cada uma à venda por R\$ 150 — rola pechinchar e, se transar sete, é grana para aguentar o mês.

Igualmente em sociedade com o irmão, Bêrabeats tramou a marca de camisetas Trash Company. Panos encomendados pelo *Facebook*, com inspiração em grifes como Supreme, mania entre os adeptos da *street wear*. Um *outfit* com a inscrição *I Like Rap \$ujo*, por exemplo, custa R\$ 39,90 e pode ser adquirido na loja Kurwa Sports, na Rua da Cidadania da Praça Rui Barbosa.

No topo da cadeia está Nave. Nascido em Santa Catarina, Vinícius Leonard Moreira mudou-se para o Paraná pirralho. Aos 35 anos, é um *beatmaker* celebrado pelo Brasil. Revelado por Marcelo D2, costurou rimas de Emicida, Criolo, Kamal, Rodrigo Ogi e representou a força musical em *Batuk freak*, disco de estreia de Karol Conka — a *rapper* do Boqueirão que explodiu as fronteiras e conseguiu fama nacional.



A close-up portrait of a man with dark, curly hair tied back, a full beard, and a nose ring. He is wearing dark sunglasses and a thick silver chain necklace. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is a soft-focus indoor setting with a grey wall and a colorful patterned object on the right.

*Beatmakers* como Ganesh, 31 anos, estão construindo uma cena profissional e sustentável.



“Vendi os meus primeiros *beats* em 2005, já para uma gravadora, para o disco do D2, *Meu samba é assim*. A partir daí, comecei a encarar de uma maneira mais profissional. Com a primeira grana com *beat*, comprei uma cama para mim, pois dormia num sofá-cama”, recorda Nave. Cria do Bacacheri, Vinícius chegou a perambular pelo *shopping* Mounif Tacla, clássico *point de rap* na Praça Generoso Marques, fechado em 2003.

O apelidado Zica da Base não precisa oferecer *beats* no varejo. Atende encomendas e teve de se adequar ao patamar e fluxo de caixa rapidamente. Constituiu editora, virou empresa, contratou contador, está cercado para travar negociações em busca de direitos autorais com executivos de gravadoras — como na campanha feita para a Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, a convite da Caixa Econômica Federal.

O desafio atual é enquadrar-se num regime de trabalho padrão, quase em horário comercial: “A rotina vai ganhando uma cara de atividade formal. Porque a demanda cresce, você precisa se organizar, estipular prazos, coisas recentes na minha vida. Estou tentando acordar mais cedo, ter um horário, como os grandes trabalham”, comenta Nave.

### “VAI, MALANDRA”

Outra cria da região sul, como Bêrabeats, também granjeou o topo das paradas. André Murilo da Silva, o Laudz, de apenas 26 anos, é o mais internacional dos *beatmakers* curitibanos. Cumpriu turnê recente como DJ por Shangai e Bali e costuma flunar por Los Angeles, onde esbarrou com Dr. Dre, o rei dos *beats*, primeiro *rapper* a sapear a casa do bilhão de dólares em faturamento.

“O encontro com o Dr. Dre foi algo mágico, o momento mais importante da minha vida, pois é minha maior influência”, rememora Laudz. Com o Tropicallaz, duo que forma ao lado do DJ Zegon, o piá da Vila Acordes emplacou as pancadas do funk “Vai malandra”, de Anitta, música recordis-



ta de execuções em *streaming* — em menos de um ano no ar, são 310 milhões de *plays* só no *YouTube*.

O DJ Zegon, ou Zé Gonzales, 49 anos, empreendeu carreira com o Planet Hemp e Marcelo D2. Veterano, o paulista exalta o cenário curitibano. “Sempre foi um mercado muito forte. No final dos 90 já acompanhava vários DJs detonando. Primo, Ploc, Jeff Bass, Antu. E depois vieram os *beatmakers*, como o Nave e o meu parceiro e irmão Laudz.”

A decolagem do prodígio usou a pista da festa I Love CWBeats, há dez anos realizada ininterruptamente no prefixo 041. Agarrada ao hip-hop, consolidou-se como modelo entre eventos de um circuito capaz de entupir bares, porões e casas de shows pelo São Francisco, Batel e Centro. “Somos um suporte e ajudamos a estruturar a cena”, conta Priscila Gomes, produtora, 33 anos.

AI Love CWBeats fomentou espaço para outras festas similares, como a INVDRS, inaugurada no início de 2014. E dos embalos de sábado à noite surgiu, posteriormente, um selo musical. Já são cerca de 3 mil seguidores no *SoundCloud* e mais de meio milhão de execuções das *tracks*. Missão: projetar artistas iniciantes, tais como Young GG, Sunson e Tui, todos da ex-Seattle brasileira, capital ecológica, social, um dia Cidade Sorriso.

“Estamos a todo vapor e organizando a nossa terceira coletânea, chamada *The Sounds Vol. III*. Nós acreditamos em um mercado com muito potencial de crescimento com a aproximação maior do público”, relata Luis Ricardo Ramos, 31 anos. Além de produtor da INVDRS, o funcionário público também é *beatmaker*, sob a alcunha Swinga.

Outro engajado na tarefa de impulsionar talentos é Éden Leão Júnior, 29 anos, o Zone Beats. Dono de um estúdio caseiro no bairro Fazendinha, o ex-peixeiro e técnico de informática atua como produtor musical e *beatmaker*. Calcula ter fabricado faixas para mais de 100 artistas, só entre os paranaenses. E, em breve, projeta pôr na roda sua *mixtape* de estreia, com 23 composições e três dezenas de *feats* (participações).



“Tenho um catálogo extenso e o meu maior público está no *Facebook*. Pelos *beats* e as seções instrumentais, cobro R\$ 200. Já a produção de uma música do começo ao fim custa cerca de R\$ 450. Gravo em um dia e com mais dois está pronto”, explica Éden Zone Beats. Por mês, dá para faturar aproximadamente R\$ 1.800, grana para manter a casa e o filho Enzo, 5 anos.

### MOBILIZAÇÃO MUTANTE

Assentada e autossustentável, com altos e baixos conforme a delicada economia brasileira, a cena local busca agora expandir-se. Em estrutura, qualidade e, claro, receita. Com as exceções retratadas, os *beats* são consumidos, em grande parte, pelos MCs da capital e, de leve, em Santa Catarina e São Paulo. Eventos e demais produtos têm projeção semelhante.

“É uma mobilização progressiva e mutante. Cresce a cada ano e lança artistas, estúdios e selos que, pouco a pouco, estão ganhando espaço nacional e sendo mais profissionais. É forte e autossustentável, sim, mas nas devidas proporções”, avalia Ricardo Pires, o Cabes, 32 anos, um dos MCs e produtores musicais mais conceituados da capital, hoje baseado na capital paulista.

É similar a avaliação de Ganesh Toresin, 31 anos, da Mão Santa Produções, outra firma ligada aos *beatmakers*. “Vem muita gente procurar seus instrumentais aqui e quanto maior a demanda, mais os profissionais vão se aperfeiçoando. Existem ótimos queijos em todo o país, mas o de Minas Gerais é o mais conhecido. Assim funciona a relação cantor / *beatmaker* entre Curitiba e o resto do Brasil”, afirma.

**André Pugliesi** é jornalista e editor de esportes na *Gazeta do Povo*. Mantém o blog *Jornalista de Merda*.



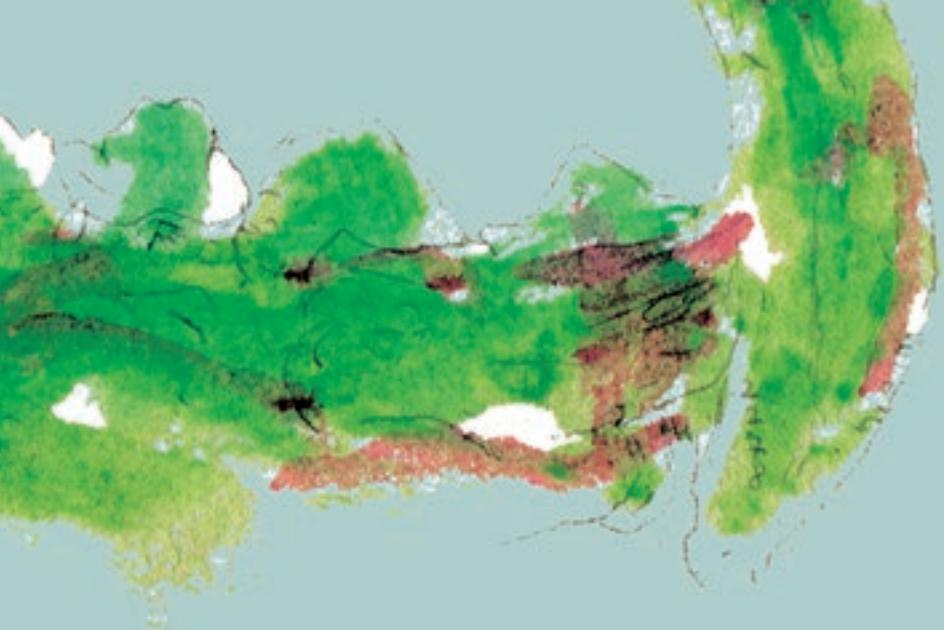
CONTO

# Princípios da expressão

Por **Luci Collin**  
Ilustrações **Visca**







**Sr. Barlett:**

**– Ora essa, que maçada! Visitar-me-á às 10:00, exatamente. Foi-se uma manhã de trabalho. Algo inconveniente esse senhor que marcou a entrevista justo hoje. Como é mesmo seu nome? Charles. Como devo chamá-lo? Professor? Doutor? Uma manhã esplêndida desperdiçada com conversações digamos... prescindíveis. Por que não desenvolve, ele mesmo, seu método e prática de observação? E terei que convidá-lo para o almoço, naturalmente. Vai-se assim também boa parte da tarde! Não me recordo do sobrenome. Anotado está no bloco azul, contudo. Garwin, creio. Será Barwing? Bem, solicitarei a Edwina que mo recorde. Em nada me agrada esse tipo de intervenção – toda e qualquer interferência em minha relação com os animazinhos me traz enorme desapontamento; que estopada! Perco muito do meu precioso tempo. Haverá alguém, além de mim, na face da Terra, que sinta maior amor por essas criaturinhas adoráveis? Desde a mais tenra juventude sou um aficionado, um venerador, um amante da arte de observá-las. Reino: *Animalia*. Filo: *Chordata*. Classe: *Mammalia*. Ordem: *Carnívora*. Família: *Hyaenidae*. O sonoro nomezinho delas vem do grego *hyaina*, através do latim *hyaena*.**

Tem muito tipo demais, coisera de livro!

Ô benditinho, para de reclamar e estuda pra essa prova! Quer ficar igual a eu mais teu pai?

Mas é bicho demais pra decorar! Pediu o conteúdo deisdo começo, aquela porre de professora.

Olha a língua! Desaforado! E tira já já esse RISINHO da cara! Vai cantar o chinelo nessa casa é agorinha mesmo!



(Pro Valdo ela nunca fala de chinelo. E o pai num rela um dedo naquele lazarento. A pequena eles mima que dá até nojo. “Olha, Vilnor, a menina tá juntando as letra já, bem certinho!” Grandiscoisa. E roupa pra Sarinha é toda semana que a mãe faz, e o pai traz guloseira da rua, a guria parece uma reizinha aqui. Só eu que eles vinga toda a raiva no meu couro. Pra que saber essas chatice de filo classe ordem bosta? Garanto que nem aquela Dona Suzele xarope sabe esses troço).

“Um movimento similar de conexão entre o traseiro e o rabo pode ser observado na hiena. O sr. Barlett relatou-me que quando dois desses animais lutam, eles têm consciência do incrível poder das mandíbulas um do outro, e são extremamente cuidadosos. Bem sabem que se uma de suas patas for agarrada, o osso será instantaneamente despedaçado.”  
DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*.

**Sr. Sutton:**

**– Olha, se existe sorte na vida eu tive. Esse professor esquisito costuma vir aqui toda quinta-feira. Por uns tempos andou sumido, viajando, ele viaja muito pelo mundo. Mas então, ontem era quinta e ele apareceu e começou a me fazer uma infinidade de perguntas. Eu não sabia quase nada, mas não deixei que ele percebesse, inventei uma porção de fatos sobre os bichos, como reagem, como era a alimentação, que tipo de som eles fazem de acordo com o estímulo. Para usar de sinceridade eu ando meio farto desse serviço. Ficar olhando os macacos e anotando os movimentos nessas folhas imensas. Ah, as mesmas coisas todo dia. E que importância isso tem? Se o rabo vira para a esquerda quando veem fruta, se o rabo abaixa quando estão com sono? Que cara fazem quando algum deles espirra?**

**Ah, está bom, não reclama! Melhor que trabalhar nas minas. Ou naquele emprego odioso na tipografia. E eu tiro é uns bons cochilos lá na casinha do observatório. Ainda mais que a madrugada de quarta para quinta eu passei na mesa de jogo. Estava era morto de sono. Aí o professor chega e eu, logo de início, cometo uma gafe: “Como vai, feliz em revê-lo professor Walter!” É Charles, ele corrigiu. Então o lance de sorte: no meio das perguntas ele pediu detalhes sobre como fica o rosto do rhesus se ele estiver com raiva. Olha, eu não tinha a menor ideia, mas eu afirmei com toda a pompa, feito um especialista: vai mudando para o vermelho aos poucos. E não há de ver que nessa hora ele assiste a uma cena bem assim? Por Santa Hilda de Whitby! Me safei mesmo de uma reprimenda. Já imaginou se o professor reporta aos meus superiores indícios de descaso profissional de minha parte?**

“O sr. Sutton viu diversas vezes a face do *Macacus rhesus*, quando muito enfurecido, ficar vermelha. Enquanto ele me contava isso, um macaco atacou o *rhesus* e eu pude ver seu rosto enrubescer tão claramente como o de um homem sob violenta emoção. Alguns minutos depois da briga, o rosto desse macaco recuperou a sua cor natural.” (DARWIN, *idem*)

(O Tico anda muito desrespeitoso com a mãe. Não considera que ela tem a coisa dos nervos. Ele responde atravessado, ela fica VERMELHA de ira. Eu não. Faço nos conforme e nunca levei coça. E custa estudar as lições que a professora manda? Eu quero ter melhor futuro. Queria ser da Marinha, mas isso a mãe não ia deixar. O pai talvez deixava. Faço rente as tarefas, levo os lápis já apontado pra não se enrolar, finco o olho nos livros e copio é tudo do quadro, nem que fique com o pulso doendo. E nunca dei-

xei de fazer os trabalho em cartolina. E essa matéria dos mamífero é facinha, nem sei do que ele chia tanto. Depois fala que a mãe protege eu mais a Sarinha, que ele sofre porque é o do meio. É isso não. Ele é folgado. Não estuda e aí leva fubecada, só pode. Se mete em briga. Cospe. Eu que salvei a pele dele aquele dia na encrenca do gude. Mas nunca dedei ele pro pai. Nem vou. Não quero ver a mãe na gritaceira. O Tico ia levar uma tunda pavorenta. E mais a Sarinha chorando junto, deusmelivre, que mulher faz escarcéu por tudo! O pai concorda nisso. Ouvi ele falar bem isso na venda com o Seu Ozir.)

O meu Osvaldo só tira pra cima de 9. E precisa de ver a letra, que caprichenta! A professora, ele tá com a Dona Leide esse ano, ela foi dos teus? Então, ela disse que ele pode chegar até a trabalhar ne banco algum dia, pegar serviço famoso. Se ele zelar na dedicação. Cabeça, tem. Uma bênção verdadeira filho assim. Pra compensar o do meio, é, o Tico.

**Dr. Duchenne:**

**– Como suportar!?! Esta manhã no desjejum Everild Philberta anunciou-me que espera mais um bebê! Infelizmente essas evidências me fazem constatar que escolhi errado a mulher para esposa. Esta tem uma fertilidade descontrolada, o que não me permite uma prática sexual efetiva e saudável, como conviria a um casal. Há sempre a sombra de um possível bebê. Sofro privações. São 11 filhos. E eu já disse a ela para se cuidar, tomar as precauções necessárias! Ela é, no frigir dos ovos, uma inconsequente, pois não avalia quão dispendioso torna-se a manutenção de tantos rebentos. Felizmente 3 deles não vingaram ou seriam, hoje, 14! Talvez se eu tivesse escolhido a irmã mais velha dela, Velma Edmonda, estívéssemos numa conta mais equilibrada. Bem, Deus sabe o que faz, enfim, e tenho uma compen-**



**sação na vida: meu excelente trabalho cuja remuneração me permite manter tamanha família. Enquanto o Professor seguir solicitando meus serviços de minuciosa observação e detalhamento, tudo permanecerá suportável. Devo esmerar-me em dobro. Por sorte é interessantíssimo o tema do movimento das sobrelhas. E que Deus proteja o Professor Charles.**

(A vó sempre fala: Não vai mexer com o que tá quieto! Eu não tinha nada que cutucar a santinha. Ah, como é que ia saber que não era de madeira nem de ferro mas daquele negócio branco esfarelento! Trincou um braço e o outro quebrou mesmo. Pensei de colar com cola-tudo mas vai que a mãe chega bem na hora. Vai que um adulto vê que fui eu! Ai, tô tremendo do susto até agora. Vai que colo o braço torto e fica pior. Mas que desgraça de santinha, também, escorregativa que nossa! Vou largar o bracinho ali do lado e quem achar que decida. Vai que passam a capelinha adiante e nem reparam. Fica assim.)

Mas quem me explica já isso?! Ai, que desonra! Tico, demônio de piá, como é que foi destruir a imagem da Virgem? Ainda mais da Virgem!. Dá até um pretejamento nas vista de nervura. Deixa só o teu pai saber! Dessa vez não vou esconder é nadica do Vilnor! Quero contar essa barbaridade é completinho. E o Padre Celson vai ficar sabendo também. Eu quero que o teu pai te desforre e na base do relho, seu capeta! Piá desajustoso! Que que eu fiz, Senhor, pra ter merecimento de um filho medonhento desses? Não dá nem de ir um minutinho prosear na vizinha Dona Celize que o praga já apronta. Ainda mais o bracinho, meu Deus! Que fazia o abençoamento com a mão.

“Nunca fui capaz de perceber se as sobrelhas de macacos espancados permaneciam erguidas, apesar de mexerem-se incessante-

mente para cima e para baixo. A atenção, que precede o espanto, é expressa pelo homem com um discreto levantar das sobrancelhas; e o Dr. Duchenne relatou-me que quando dava ao macaco anteriormente mencionado algum alimento novo, este elevava levemente as sobrancelhas, adquirindo assim uma aparência de grande atenção.” (DARWIN, *idem*)

Ai Ozir, tô que num aguento! É duas semana que a Delsa fica fora. Vai na mãe dela em Cornélio Procópio e depois ainda chega na madrinha em Nova Fátima. Tá dificultoso demais sem ela aqui! O peito por dentro tá que é pura consumição.

Não é caso de desespero, Vilnor! Tu tem a tua mulher em casa, pra quebrar um galho.

Ih, Ozir, você não atina das coisa, homem. A Delsa é carinhosinha, mulher pra mais de metro. Quando quer uma coisa só levanta a SOMBRANCELHA assim ó, e tá passado o recado. Já aquilo que eu tenho em casa é parente de quero-quero. É barulho por qualquer coisa! Fez um forrobodó porque trincaram o braço da estatuinha da santa. E eu com isso?

Ói que descobrem que tu mantém outra e vai ser uma fiasqueira. Não lembra do Adauri?

Se descobriam eu pulava na mesma hora pra casa da Delsa. Só não largo a jararaca por causa da menina. A Sarinha é o que me segura. Já tirei na prestação a luvinha de renda pra ela. Da primeira comunhão. Vamo até assar uma carinha lá em casa. Fora esse domingo, no outro.

**Luci Collin** é escritora, tradutora e professora universitária. Publicou, entre outros livros, *Querer falar*, *A palavra algo*, *Nossa Senhora D'Aqui* e *A peça intocada*.

POESIA

Sopa de  
Sócrates —  
Quadritas  
Pyrosóficas

Poemas e ilustrações Zuca Sardan





## 5 – INTERVENÇÃO

Enquanto perdurar  
a intervenção no Lyceo,  
a Sebenta Pyrosophica  
não pode ser emendada

## 6 – INSTÂNCIA

Cabe o foro, ou cai  
na primeira instância  
a moção? E qual moção?  
(\*talvez a Tágide Bruna)



## **7- XANTYPA**

S'assanha a Sibila Xantypa:  
“Xó xpero que o Xuiz Othello  
não ponha o Xócrates dentro  
da máchina lava-pratos

## **8- CICUTA**

Quem sabia falar bem  
era mesmo o Sócrates !...  
Até o dia em que tomou  
a sopa preta do Albergo

**Zuca Sardan** é diplomata e escritor. *Aqueles papéis, Os mystérios, Visões do bardo e Às de colete* são alguns de seus livros.



μετρίως αποχρίνασθαι, ἵνα μοι εὐπροσέτι  
ἐάν τι δύνωμαι αὐτοῦ δι  
ξασθαι.

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

...νες  
...εν  
...τες  
...ρο  
...οι  
...αι  
...εὐτ  
...ο  
...του  
...ος  
...μα  
...ἀδε  
...αθε  
...ται  
...οὐνα  
...ης  
...μιν' πάλιν τ  
...ω, αἱ σπονδαὶ μενέ  
...αγοράν δὲ ἡμεῖς παρέξομεν.

ἀγοράν δὲ ἡμεῖς παρέξομεν.  
...μιν' πάλιν τ  
...ω, αἱ σπονδαὶ μενέ

FOTOGRAFIA

# Reingresso

Isabella Lanave

“Tenho muito interesse pela questão da migração e pelos refugiados que têm chegado ao país nos últimos anos, mas queria entender mais sobre esse universo”, diz a jornalista e fotógrafa Isabella Lanave, justificando a escolha do tema deste ensaio. Com pouco tempo para realizar o trabalho, ela partiu para a Universidade Federal do Paraná, onde são desenvolvidos seis projetos de extensão voltados ao acolhimento e apoio de estrangeiros que estão reconstruindo a vida no Brasil. O resultado da empreitada é uma série de retratos — especialidade de Isabella — de pessoas que reingressaram ao ensino superior após uma interrupção forçada dos estudos em seus lugares de origem.

São seis “colaboradores” (ela não gosta de usar o termo “personagens”), de diferentes nacionalidades, que contam suas histórias e revelam objetos pessoais ligados às suas casas anteriores e memórias afetivas. “Eu não tinha ideia do que iria encontrar lá. Acabei conhecendo trajetórias incríveis e inspiradoras, de gente com muita força e coragem. Mas é importante dizer que estas pessoas estão fortes porque existem políticas específicas voltadas para elas”, afirma.

Citada pela revista norte-americana *Time* em uma lista com as 34 fotógrafas mais promissoras em atividade ao redor do mundo, Isabella também se especializou em retratar figuras “fora da curva” (“marginalizadas” é outra palavra que ela evita). Seu trabalho mais conhecido, *Fátima*, é um mergulho na doença da própria mãe, portadora de Transtorno Bipolar. Ou seja: o foco são os estigmatizados, como os migrantes e refugiados que hoje estudam na UFPR.

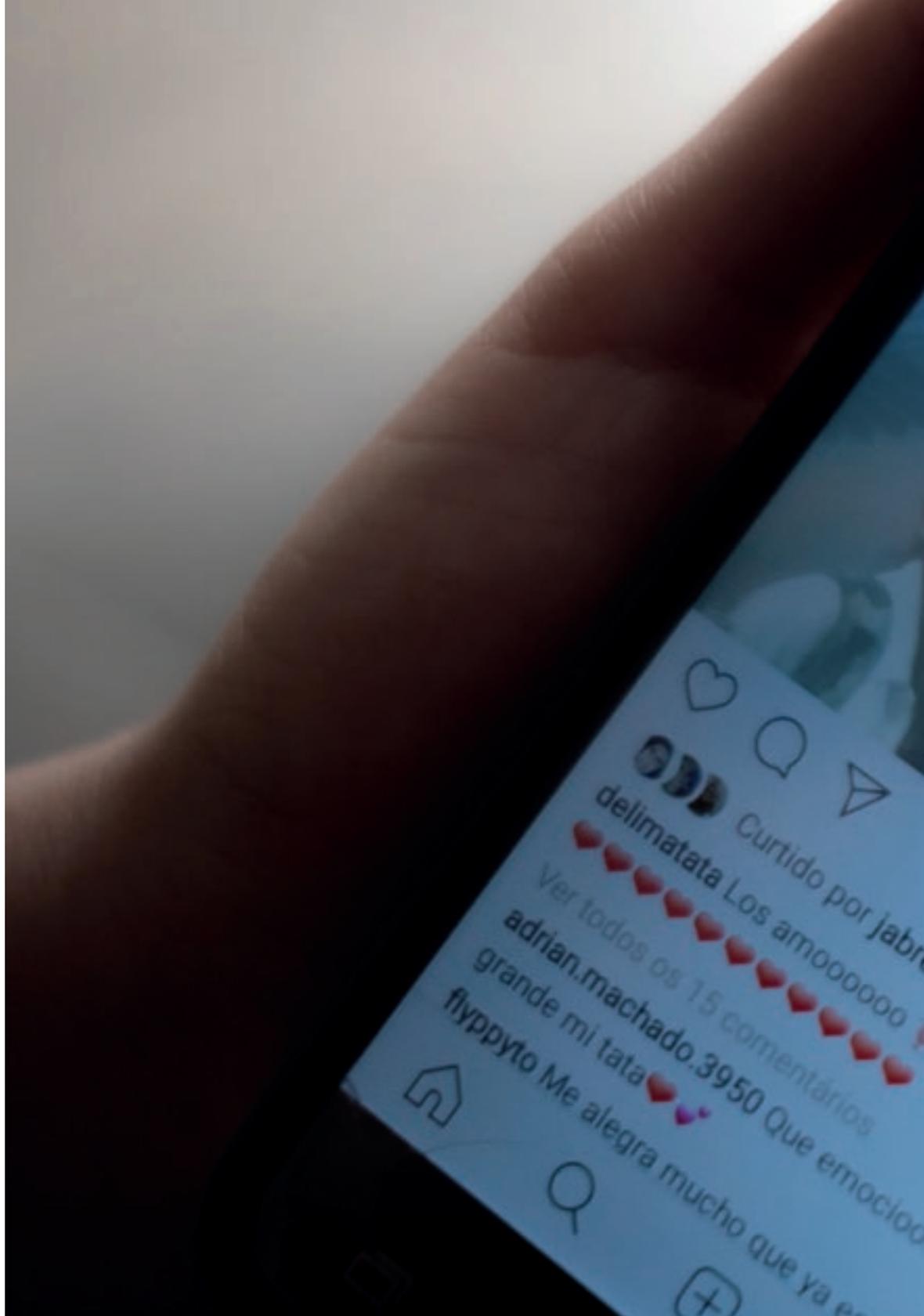
“Quis mostrar, contrariando o senso comum, que essas pessoas têm ocupações e objetivos. Elas não estão no Brasil paradas, esperando, sem fazer nada”, diz Isabella, cujo maior desafio foi conseguir se conectar com os retratados, e deixá-los à vontade, em um curto período de tempo (o contrário do que costuma acontecer em seus trabalhos). “Sei o quanto uma imagem pode mexer com alguém. Por isso tomei muito cuidado em ser respeitosa. Minha vontade, agora, é reencontrá-los, conhecê-los melhor e — quem sabe? — fotografá-los em lugares e situações que eles mesmo escolherem”, completa.





**Natasha José de Lima Gotopo** (Venezuela),  
estudante de Medicina Veterinária.

“Quando vim, só tinha uma mala de 23 quilos e não dava para trazer muita coisa. Então, uma casa, para mim, é estar com minha família. Por isso, escolhi mostrar uma foto com eles.”  
**Natasha**





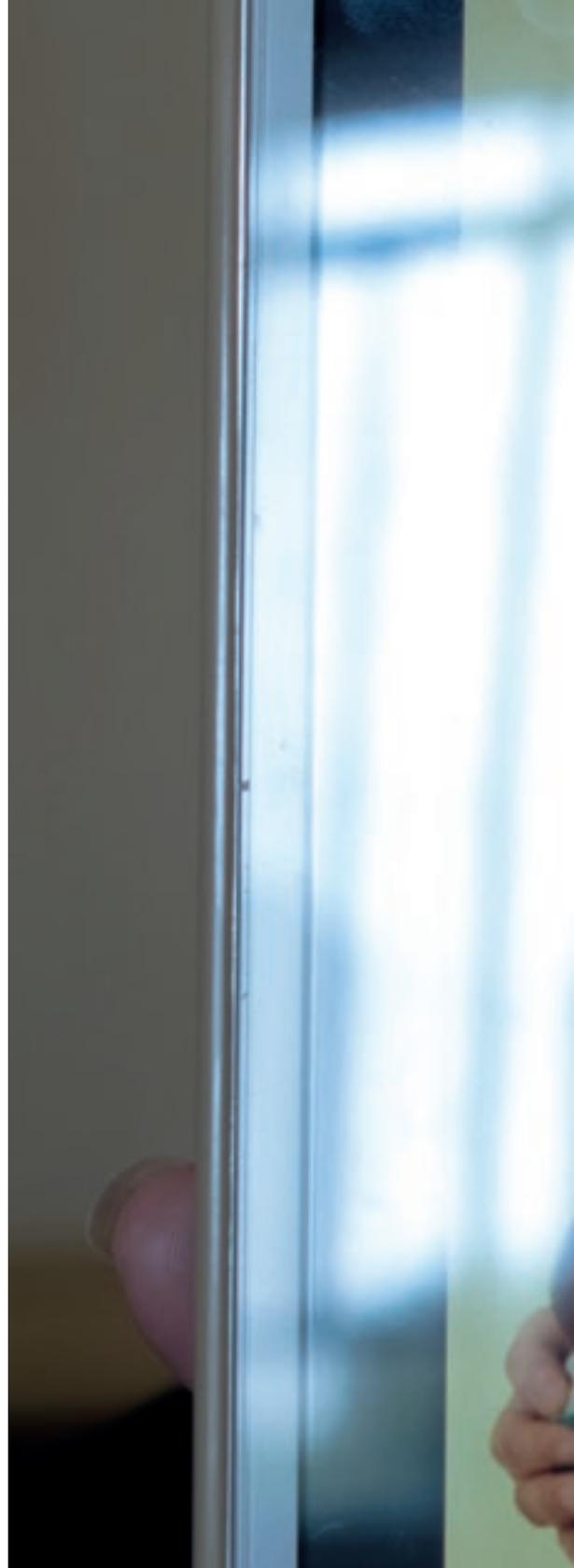




**Lucia Loxca (Síria),  
formada em Arquitetura.**

"Antes da guerra, minha casa era o meu país. Agora, como nós saímos daquela realidade, casa é o Brasil, a família, essa nova vida, essa nova etapa para nós. Quando você fica com sua família e faz amizades, não sente que está em casa, que é estrangeiro."

**Lucia**









**Daniel Felice** (Haiti),  
estudante de Direito.

“Posso morar 10, 15 anos num lugar e nunca considerá-lo como minha casa. Casa é o lugar onde a gente se sente bem. A bandeira não representa a minha casa. Mas, como estou fora do meu país, é uma das coisas que carrego comigo sempre.”  
**Daniel**

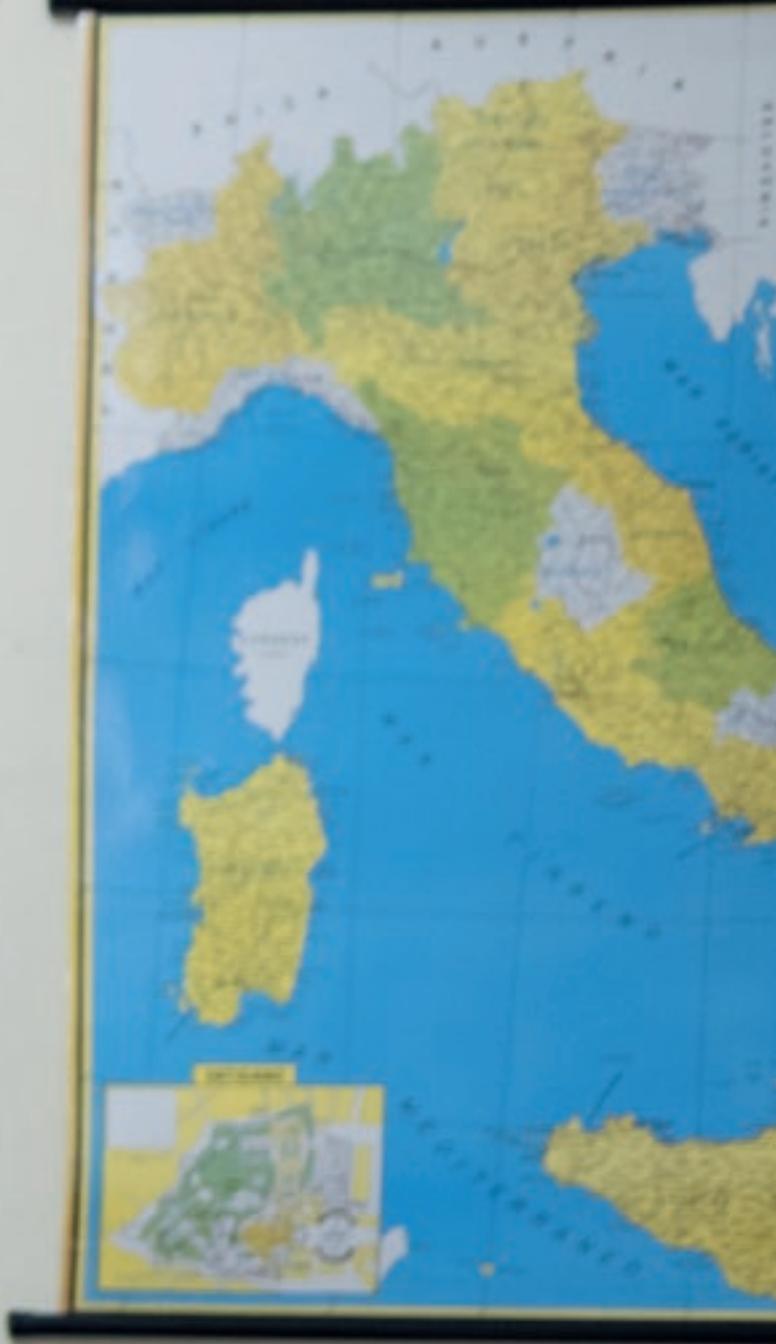




HAITI

100% COTTON





**Elie Tudinemalu Kabongo**  
(República Democrática do Congo),  
estudante de Gestão da Informação.

"Quando vejo esse anel, lembro da minha esposa, que está no meu país agora. Levo esse anel para qualquer lugar onde eu for."  
Elie









**Schadrac Wanza Isula** (República Democrática do Congo), estudante de Engenharia Elétrica.

“Casa, para mim, é o lugar onde  
você tem alegria, amor familiar.  
Escolhi esse *bottom* porque ele  
me faz lembrar dos meus pais,  
dos meus irmãos, do meu país.”  
**Schadrac**







**Bernardo Domingos Té**  
(República da Guiné-Bissau),  
estudante de Letras.

“Casa, para mim, é onde nasci,  
é a família que deixei pra trás, é  
a minha felicidade. Um dia vou  
voltar e me juntar com todos  
eles. Em vez de mostrar um  
objeto, trouxe meu irmão,  
Ignacio, que chegou há alguns  
meses e está aqui comigo.”

**Bernardo**





ENTREVISTA

# Cinco perguntas para João Moreira Salles

**Luiz Rebinski**

O documentarista e criador da revista *Piauí* fala sobre seu cinema, violência, jornalismo e o futuro do Brasil



**As manifestações de 2013, ao que tudo indica, devem culminar em um período conservador no Brasil. Como você analisa esses acontecimentos e os relaciona com o Maio de 1968, tão presente em *No intenso agora*, seu mais recente documentário?**

Não acho que seja possível saltar da causa para o efeito de maneira tão simples. São muitas as origens do que vivemos hoje. Turquia, Polônia, Hungria, EUA, Itália e Áustria não passaram por Junho de 2013, o que não impediu que, cada um à sua maneira, não acabassem também escolhendo regimes não propriamente conservadores — que luxo se fossem apenas conservadores —, mas que tendem ao autoritarismo, quando não já francamente autoritários, ou até mesmo reacionários. No máximo, pode-se apontar para a faceta desiludida de 2013, aquela que indicava o cansaço com o sistema político vigente, que se expressava deixando claro que a confiança nos partidos e na democracia representativa tinha se esgotado, e especular se esse caldo de frustração não ajudou a gestar a figura do outsider que o atual presidente eleito falsamente encarna. Esse aspecto não propositivo de 2013, em que as energias estão direcionadas mais a afirmar o que não se quer do que a construir alternativas, reproduz em certa medida alguns aspectos de Maio de 68. O risco desse tipo de dinâmica é fragilizar o que existe — o que pode ser civilizatório, dependendo do que está sendo fragilizado — sem ocupar o espaço que inevitavelmente se abre. O diabo é que tem muito projeto latente à espera de uma vacância de poder, gente boa e gente perigosa na tocaia. Desmanchar o que existe sem produzir lideranças e sem apresentar propostas tem seus custos.

**Você tem dito que quer fazer filmes sobre realidades que conhece, e não mais tratar de assuntos que envolvam estratos da sociedade com que não tenha vivência — como em *Notícias de uma guerra particular*, por exemplo. *Santiago* e *No intenso agora* são filmes que apontam o futuro do seu cinema?**

Não gostaria de pensar que os filmes que eventualmente ainda farei serão

todos autobiográficos. Seria uma limitação muito grande. Mas você está certo em observar que *Santiago* e *No intenso agora* apontam numa direção que hoje parece incontornável no meu percurso. Não se trata exatamente de me fixar em realidades que conheço. A questão é outra e diz mais respeito a não subestimar as relações de poder que subjazem todo documentário. Quem dirige um filme tem domínio sobre o seu personagem. Isso é inevitável. Num país desigual como o nosso, é impossível não pensar que um filme dirigido por pessoas privilegiadas sobre pessoas pobres não implica em dilemas que, no mínimo, merecem ser submetidos a uma tomada crítica de consciência. Cada um encontrará a sua própria solução e tomará o caminho resultante. Por ora, o meu caminho é deixar esses filmes de lado até encontrar outro modo de voltar a eles.

***Notícias de uma guerra particular talvez seja ainda seu filme que mais repercutiu para além do público cativo dos documentários. À época, suscitou debates na imprensa e na TV. Como você o vê hoje, quase 20 anos depois?***

Durante muito tempo achei que *Notícias* — que dirigi com Kátia Lund — tinha se tornado um filme histórico, um retrato de uma cidade que havia ficado para trás. De uns três anos para cá, fui obrigado a reconsiderar isso. Com tristeza, cheguei a pensar que o documentário voltara a ser atual. Mais recentemente, muito em função das reportagens de Allan de Abreu na revista *Piauí*, me dei conta de que estava errado. *Notícias* não reflete mais o que se passa no Rio e, por extensão, no Brasil. Aquele mundo de narcotraficantes do lumpesinato, de gente desarticulada, de meninos adolescentes com armas de gente grande na mão fingindo que sabem para onde vão, aquela anarquia selvagem, aquela violência pulverizada e molecular, pois bem, isso também ficou para trás. Como sabemos, de uns tempos para cá o crime se organizou, a ponto de certas pessoas começarem a empregar o termo narcoestado para se referir ao Brasil. Nesse sentido, por mais incrível que pareça, *Notícias* é o retrato de um período inocente da violência nacional.

**A *Piauí* não está atrás de furo de reportagem. Seu foco é outro: matérias bem apuradas e de fôlego. Mas, nos últimos anos, a revista deu uma guinada ao jornalismo diário, ao incrementar o site com notícias que não estão na pauta da edição impressa. Por quê? É uma tentativa de ampliar o público?**

Acho que é uma forma de responder a essa sensação de que nesses últimos anos a história do Brasil se acelerou. Destituição de Dilma, Temer, Lava Jato, Joesley, condenação e prisão de Lula, ascensão da direita, Bolsonaro. O ritmo mensal da revista é incapaz de dar conta dessa aceleração. Antes, tínhamos a impressão de que as coisas avançavam dentro do limite da velocidade histórica. Não mais. O site tem mais capacidade de reação, razão pela qual ele hoje nos ocupa tanto quanto a revista. O essencial, acho, é que esses dois tempos são simultaneamente complementares e necessários. Rapidez para reagir, lentidão para depurar. A *Piauí* tenta fazer as duas coisas.

**Na edição de outubro da *Piauí* há uma reportagem sua sobre a cidade de Três Corações, em Minas Gerais. O texto sugere que as relações políticas, sociais e de classe do local são um espelho do que acontece no Brasil. A partir dessa experiência, que futuro imagina para o País?**

Fala-se muito da crise da democracia brasileira. Em Três Corações, percebi que isso não procede. A tese não é minha, mas de um intelectual de lá, um escritor brilhante chamado Lelo de Brito. Ele observa que ainda estamos na pré-história das instituições. Nada funciona como deveria. O Executivo não sabe executar, o Legislativo não legisla, o gestor público não conhece os instrumentos de que dispõe, é tudo anterior ao conhecimento. Donde a miséria e a feiura da nossa realidade urbana, por exemplo. Isso me leva a concluir que, para que haja crise da democracia, é preciso que antes exista uma democracia. E ainda não chegamos lá. Quando penso no futuro do Brasil, gosto de imaginar que um dia chegaremos lá.

**Luiz Rebinski** é jornalista e editor do jornal de literatura *Cândido*. Publicou o romance *Um pouco mais ao sul*.

Ivone Perez



H Q

# A fuga

Aline Daka

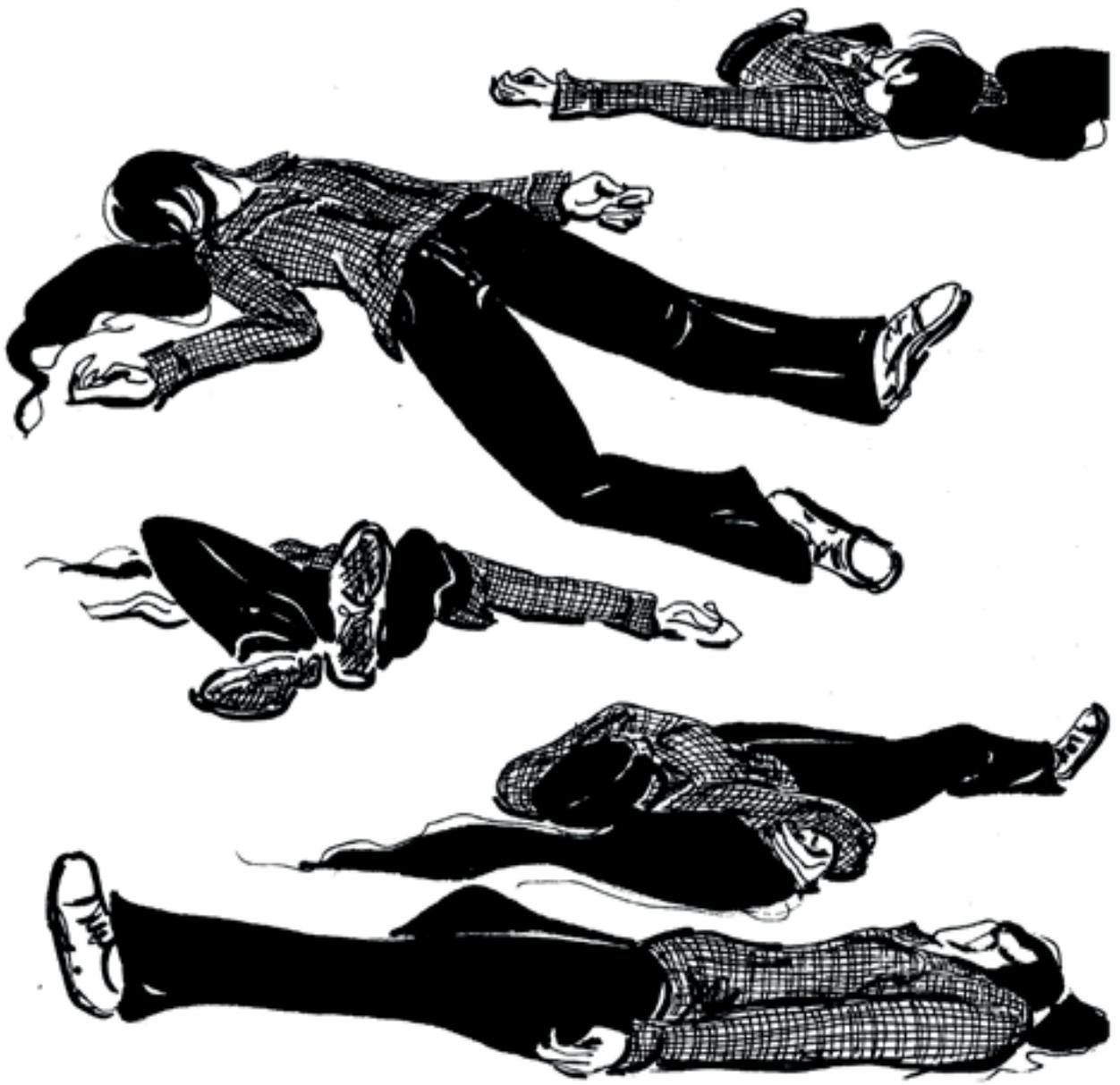
**AFFUGA**





















ESTA REVISTA FOI COMPOSTA EM TIPOS PLAYFAIR E OXYGEN SOBRE PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
EM DEZEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.

**Helena é uma publicação trimestral da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Pública do Paraná**

**Cida Borghetti**

Governadora do Estado do Paraná

**João Luiz Fiani**

Secretário de Estado da Cultura

**Jader Alves**

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Cultura

**Rogério Pereira**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Edição: **Omar Godoy**

Núcleo de Edições da SEEC: **Luiz Rebinski e Marcio Renato dos Santos**

Projeto gráfico e diagramação: **Thapcom.com**

Helena na web: [helena.pr.gov.br](http://helena.pr.gov.br) | [facebook.com/revistahelena](https://facebook.com/revistahelena)

Contatos: [imprensa@bpp.pr.gov.br](mailto:imprensa@bpp.pr.gov.br) | (41) 3221-4911

**COLABORADORES**

Adriana Negreiros  
Aline Daka  
André de Leones  
André Pugliesi  
Benett  
Caco Galhardo  
Christian Schwartz  
Cristian Brayner  
Elisandro Dalcin  
FP Rodrigues  
Guilherme Caldas  
Isabella Lanave  
Jones Rossi  
Luci Collin  
Luiz Rebinski  
Mariana Sanchez  
Mário de Alencar  
Murilo Ribas  
Nelson de Oliveira  
Paulo Krauss  
Tereza Yamashita  
Tita Blister  
Visca  
Zuca Sardan

Foto de capa: Elisandro Dalcin

